

Máscaras dos Césares

teatro e moralidade nas Vidas
suetonianas

José Luís Brandão

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Máscaras dos Césares

teatro e moralidade nas Vidas
suetonianas

José Luís Brandão

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

AUTOR

José Luís Lopes Brandão

TÍTULO

Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas

EDITOR

Imprensa da Universidade de Coimbra

Annablume

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

EDIÇÃO

1ª/2009

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO

Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

Maria de Fátima Silva, Francisco de Oliveira, Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO DA COLECÇÃO

Delfim F. Leão

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Rodolfo Lopes

IMPRESSÃO

Simões & Linhares, Lda.

Av. Fernando Namora, nº 83 - Loja 4

3000 Coimbra

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

ISBN: 978-989-8281-14-2

ISBN DIGITAL: 978-989-721-068-6

DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-068-6>

Depósito Legal: 296298/09

@ IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

@ ANNABLUME

PUBLICADO NO ÂMBITO DO PROGRAMA POCI 2010 - FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E
TÉCNOLOGIA.

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados

SUMÁRIO

Preâmbulo	11
Nota Prévia	13
INTRODUÇÃO	15
PARTE I. A CONSTRUÇÃO DAS <i>VIDAS</i>	29
1. Antecedentes das Vidas dos Césares	33
1.1. Suetónio e a erudição	33
1.2. As fontes ao serviço da intenção biográfica	37
2. A apresentação ao leitor	55
2.1. <i>Per tempora / per species</i>	55
2.2. <i>Virtutes / uitia</i>	57
2.3. O estilo de Suetónio	60
3. Meios de captação do leitor	71
3.1. Sedução do leitor	71
3.1.1. Sugestão de realismo	71
3.1.2. Rumores e anedotas	73
3.1.3. A força do cómico	76
3.1.4. A intervenção directa do autor no texto	81
3.2. Apelo às emoções	83
3.2.1. A generalização	84
3.2.2. A organização em crescendo	85
PARTE II. O TEATRO DAS <i>VIDAS</i>	93
1. A ascensão: <i>spes imperii</i>	97
1.1. Ascensão gloriosa	97
1.1.1. Júlio César: um predestinado	97
1.1.2. Octávio: o cruel vingador de César	102
1.1.3. Galba: o destruidor da dinastia júlio-cláudia	106
1.1.4. Vespasiano: o imperador que veio do Oriente	109
1.1.5. Tito: amor e delícias do género humano	114
1.2. Ascensão controversa	117
1.2.1. Tibério: um herdeiro de segunda escolha	117

1.2.2. Calígula: o filho de Germânico	122
1.2.3. Nero: o filho de Agripina	124
1.2.4. Otão: um companheiro de Nero	125
1.3. Ascensão inglória	128
1.3.1. Cláudio: uma carreira sem dignidade	128
1.3.2. Vitélio: a carreira de um Glutão	130
1.3.3. Domiciano: um irmão menor	131
2. Conquista e recepção do poder supremo	135
2.1. A vitória da ambição de uma família	135
2.2. A pretexto da salvação do estado	140
2.3. A “farsa” de Tibério	144
2.4. Sucessão e crime	147
2.5. Aclamação farsesca	150
2.6. A mudança radical de comportamento	157
3. Teatro e Poder	159
3.1. O culto do espectáculo: do conveniente ao escandaloso	159
3.2. Política e espectáculo	166
3.3. Teatro e moralidade	171
3.3.1. Ostentação de virtudes	173
3.3.2. Os vícios como espectáculo	180
4. Vida e drama	199
4.1. As voltas da Fortuna e suas consequências biográficas	199
4.2. Carácter e progressão dramática	211
4.2.1. Construção da imagem de um tirano	211
4.2.2. Construção da imagem de um bom príncipe	239
4.2.3. Construção da imagem de um imperador incapaz	249
4.3. Comédia e carácter	252
5. <i>Acta est fabula</i>	271
5.1. As boas mortes	271
5.2. Morte e castigo	276
5.2.1. O ferro: o sacrifício do tirano	276
5.2.2. O veneno: mortes suspeitas	297
5.2.3. Suicídio: a morte como necessidade	300
5.3. Morte e redenção	306
5.4. Aplauso e pateada	308
6. Do teatro dos Césares ao teatro de Suetónio	317

PARTE III. A EXPRESSÃO DA MORALIDADE : JUÍZOS E PREJUÍZOS	327
1. Caracterização pela ascendência	331
1.1. Herança positiva	331
1.2. Herança negativa	335
1.3. A negação dos genes	338
2. Retratos falantes	341
2.1. Retrato físico	341
2.2. O adorno	352
3. Juízo sobre actos e palavras	357
3.1. Os “freios” de um imperador: a <i>moderatio</i> e a <i>abstinentia</i>	358
3.1.1. Atitude face ao poder: da <i>moderatio</i> à <i>ciuilitas</i> , <i>clementia</i> e <i>pietas</i>	358
3.1.2: Atitude face às riquezas: da <i>abstinentia</i> à <i>liberalitas</i>	368
3.2. A defesa dos bons costumes: a <i>dignitas</i> e a <i>castitas</i>	372
Conclusão	383
Bibliografia	393
I. Edições integrais	393
II. Edições parciais comentadas	394
III. Índice suetoniano	395
IV. Estudos	395
Índices	
I. Índice de personalidades e lugares históricos	417
II. Índice de autores antigos	441
III. Índice analítico	475

Aos meus pais
e
ao Prof. Doutor Walter de Medeiros

PREÂMBULO

Quando folheamos os muitos romances históricos que todos os dias aparecem sobre o Império Romano, reconhecemos amiúde ecos de Suetónio – o autor das Vidas dos Césares é, de facto, uma das fontes obrigatórias para o início do principado até finais do séc. I d.C. Seguindo um método diferente do da historiografia latina, quer na forma, quer no conteúdo, e privilegiando uma exposição mais caracterológica que cronológica, o biógrafo ilustra o seu ponto de vista sobre cada governante com um manancial de curiosidades, anedotas e ditos de espírito que fazem a delícia dos leitores de todos os tempos e fornecem informações preciosas aos historiadores modernos. Suetónio permite, assim, colmatar com elementos ditos biográficos a tradição historiográfica sobre os imperadores Júlio-Cláudios, os breves antagonistas da crise de 68-69 d.C. e os Flávios. Em Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas, procuramos perceber a forma como o biógrafo escreve história, como apresenta e manipula as personagens, como julga os governantes e como condiciona o juízo dos leitores.

O conteúdo do presente volume corresponde à dissertação Suetónio e os Césares: teatro e moralidade, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2003). Procurámos, contudo, adaptar o texto ao grande público, aligeirando notas aqui, traduzindo mais e esclarecendo conceitos ali, alterando a estrutura acolá, de modo a fugir um pouco a um formato demasiado académico, sem, no entanto, afectar o produto da investigação, agora colmatado com algumas achegas posteriores.

Acompanha este trabalho uma dívida de gratidão para com várias instituições e pessoas que deixaram a sua marca nas diversas fases, segundo se tratava de investigar, de redigir ou de publicar. Devemos, antes de mais, salientar o apoio dos professores e funcionários do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que continuamente nos incentivaram e facultaram os meios para levarmos a cabo esta tarefa. No que diz respeito a docentes de outras Universidades, estamos gratos à Doutora Cristina Pimentel e ao Doutor Nuno Simões Rodrigues da Universidade de Lisboa pelas sugestões e material bibliográfico que gentilmente nos facultaram; aos professores Louis Callebat e Philippe Moreau, pelo acolhimento e orientação na Universidade de Caen; ao professor Paolo Fedeli por igual mercê na Universidade de Bari. Os períodos de investigação no estrangeiro não teriam sido possíveis sem o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Agradecemos também a mediação neste processo e o acompanhamento dos Doutores José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva e Francisco Oliveira. Pela partilha do trabalho em terras estrangeiras estamos gratos aos Doutores Luísa Ferreira, Paulo Sérgio Ferreira e Cláudia Teixeira. Entre os muitos que nos prestaram generosa ajuda das mais diversas formas, uma palavra de gratidão à Doutora Nair Soares, pela indicação de bibliografia e pistas de trabalho; ao Doutor António Rebelo, pelo apoio no campo da informática; à Dra Zélia Sampaio Ventura, pelo acompanhamento sempre tão amigo de todo o processo; à Dra Luísa Braga, pela

solicitude com que nos incentivou; à Dra Ana Balula, ao António dos Santos e à Elvira Correia, por se terem enredado generosamente no nosso labor.

Ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e à sua Coordenadora, Doutora Maria do Céu Fialho, e, de igual modo, à novíssima biblioteca online Classica Digitalia (<http://classica.digitalia.uc.pt>) e ao seu promotor Doutor Delfim Leão, expresse a meu mais profundo reconhecimento pelo interesse e empenho com que acolheram a publicação, que fica assim tão valorizada. No processo final de revisão e formatação, agradeço o prestimoso trabalho dos incansáveis Drs. Ália Rodrigues e Rodolfo Lopes, a quem este volume muito deve.

Cumpre-nos ainda salientar o fundamental apoio dos que nos estão mais próximos: pais e irmãos. Imensa é a dívida de gratidão que temos para com o nosso orientador, Doutor Walter de Medeiros, que, incansável e paciente, ao longo destes anos, nos tem brindado com a preciosa dádiva da amizade e um continuado incentivo.

Bem hajam!

NOTA PRÉVIA

Para os excertos das Vidas dos Césares adoptamos a edição teubneriana de Ihm; eventuais alterações vêm indicadas em nota. Quanto à citação de obras de autores antigos, seguimos, para os latinos, as abreviaturas do Oxford Latin Dictionary de Glare; para os gregos, as do Greek-English Lexicon de H. G. Liddell & R. Scott. Nos casos em que tal não foi possível, procurámos adoptar critérios semelhantes aos daqueles dicionários.

Os autores latinos ou gregos e os passos citados figuram no índice de autores antigos (II). Mas, dado o teor da obra de Suetónio, achámos útil incluir, em separado, um índice de personalidades e lugares históricos (I), no qual se procura identificar cada entrada com brevíssimos apontamentos biográficos ou topográficos: aqui se apresenta também uma meia dúzia de personagens míticas, mas que, na antiguidade, fundiam lenda e história na tradição dos fundamentos da civilização ocidental. Além destes, acrescentámos também um índice analítico dos conceitos mais relevantes (III).

Quanto aos autores modernos, citamo-los apenas pelo nome e ano de publicação; aduzimos, no entanto, informação suplementar quando se trata de uma edição integral (ed.), ou de uma edição comentada de uma Vida em particular (com.), ou do index, para os distinguir dos estudos e facilitar, assim, a identificação da obra entre as quatro categorias em que dividimos a bibliografia. As siglas das publicações periódicas são, sempre que possível, as de L'Année Philologique.

valor que Suetónio dá aos presságios oníricos, a sacralidade do lugar faz com que o sonho da violação da mãe seja aqui uma espécie de *incubatio*. Na mente do leitor, forma-se logo, por associação de ideias, a imagem de um Édipo: pois com este entra na literatura o sonho do incesto com a mãe.¹⁰ Será uma profecia *post euentum*: dada a cultura literária de César, podemos pensar que seja uma criação do próprio, para favorecer a sua aura mítica.¹¹ Suetónio acata o episódio como pressago, mas não antecipa uma interpretação – como faz Plutarco, ao colocar o sonho na passagem do Rubicão – : prefere transmitir a explicação dos intérpretes: a *mater subiecta* seria a terra, o que lhe auguraria o governo do mundo (*arbitrium terrarum*). Mais tarde, o leitor ficará a saber que ele, já *adulescentulus*, escrevera umas *Laudes Herculis* e uma tragédia, *Oedipus*, de que Augusto proibiu a publicação.¹² A associação repete-se: César é admirador de Hércules e émulo de Alexandre, mas tem comportamentos de um Édipo. Delineia-se o mito de uma personagem que vive acima do comum dos mortais, mas também se antevê a culpa de *hybris* que o há-de destruir.

Seguem-se cenas de acção, onde o tom se torna mais negro. Os seus feitos são apresentados como insolência de um aventureiro e demagogo (*Jul.* 8-11). Sucessivos reveses, devidos à feroz oposição dos optimates, mostram a tenacidade de César e são seguidos de uma vitória estrondosa – à custa de um suborno bem generoso (*profusissima largitio*), como nota Suetónio – na corrida para o pontificado máximo, contra dois adversários poderosíssimos, que o excediam em muito na idade e na *dignitas*.¹³ Uma vitória em que apostara tudo: ao sair, pela manhã, dissera à mãe, pensando nas dívidas que contraíra, que não regressaria a casa senão como pontífice. A contrabalançar este sucesso, vem o *agon* a propósito da pena a aplicar aos cúmplices de Catilina, quando César já é pretor. De um lado, os defensores da pena capital; do outro, César, sozinho, a pedir a prisão e a confiscação dos bens. Mas o mais encarnizado opositor político, Catão, fez tombar o prato da balança para a pena capital. E César, que se continua a opor, corre o risco de ser morto por um grupo de cavaleiros: (...) *ut sedentem una proximi deseruerint, uix pauci complexu togaque obiecta protexerint. Tunc plane deterritus non modo cessit, sed et in reliquum anni tempus curia abstinuit*¹⁴ («... de tal modo que os que estavam próximos, todos à uma, o deixaram ali sentado sozinho; a custo, uns poucos o puderam proteger abraçando-o e interpondo as togas. Então, deveras aterrorizado, não só se

¹⁰ Através de Sófocles, *OT* 981-982; e retomado em Heródoto, 6.107; Platão, *R.* 571c; Pausânias, 6.26.6. Para Artemidoro, 1.79, o sonho significaria a tomada de poder; vide DELLA CORTE, F. 1989, 95-98. Segundo este autor, o pranto de César não exprimia inveja de Alexandre, mas de Pompeio, que submetera o Oriente e recebera o epíteto de *Magnus*.

¹¹ Vide DELLA CORTE, F. 1967, 63.

¹² *Jul.* 56.7. Vide CIZEK E. 1975a, 482: «Il est certes très caractéristique pour la pensée de César qu'il se soit penché sur un mythe, très populaire d'ailleurs, mais qui mettait en vedette le drame poignant d'un roi qui s'était fait tout seul. Pourtant Suétone n'en dit rien».

¹³ *Jul.* 13. Servílio Isáurico e Quinto Cátulo, *princeps senatus*: cf. Plutarco, *Caes.* 7.1.

¹⁴ *Jul.* 14.2. Suetónio não diz que, entre os *pauci* que o defenderam, estavam Curião e Cícero; cf. Plutarco, *Caes.* 8.2. Além disso, Plutarco, *Caes.* 8.5, diz que César voltou, dias mais tarde, ao senado, para se justificar.

retirou, mas até se absteve de ir à Cúria na restante parte do ano»). Há um certo exagero na procura de maior dramatismo. Esta sessão do senado realizou-se já no final do ano, a 4 ou 5 de Dezembro. Por omissão, Suetónio parece querer sugerir que foi longa a ausência de César. Também o abandono dos lugares por parte dos senadores que o rodeavam é suspeito, como uma reminiscência do que aconteceu com Catilina.¹⁵

Continua a luta contra a aristocracia. Depois de mais um revés,¹⁶ César obtém uma grande vitória devido ao apoio da plebe. Referindo-se vagamente ao apoio a umas *turbulentissimas leges*, o biógrafo centra a narrativa na situação de César, suspenso do cargo de pretor pela ameaça da força das armas e refugiado na sua casa. César, contra o que era esperado, refreou uma turba, que se reunira espontaneamente para restabelecer a sua *dignitas*, o que lhe valeu o agradecimento do senado e a revogação do decreto que o suspendera.¹⁷ Manifesta-se já a característica magnanimidade, que torna César um ente superior aos seus inimigos e tem eco nos exemplos de *clementia*, apresentados mais tarde.

A argúcia de César continua a manifestar-se na forma como vira a seu favor a acusação de cumplicidade na conjura de Catilina, por apelo ao testemunho de Cícero. Suetónio, que não referiu a protecção do Arpinate quando César foi atacado pelos cavaleiros (*Jul.* 14.2), menciona agora o seu testemunho, porque a iniciativa de o interpelar é de César e demonstra a habilidade do acusado em usar em seu favor um opositor político de peso (*Jul.* 17). Os acusadores acabam desprovidos de crédito e castigados. A prova, confirmada por Cícero, de que César tinha dado ao então cônsul pormenores da conjura é apresentada como decisiva, mas sugere que César estava a par das manobras.

Suetónio, como é seu hábito, resume as campanhas na Hispânia à expressão «pacificada a província...»,¹⁸ para se debruçar sobre a pressa de César em partir (por medo de um processo judicial enquanto *priuatus*, ou para ajudar aliados) e sobre a pressa em regressar a Roma, para pedir o triunfo e o consulado. Sofre novo revés quando pede uma excepção à lei que o obrigava a entrar na Urbe como *priuatus* para concorrer ao senado: como muitos se opuseram, teve de adiar o triunfo, para se apresentar às eleições.

A formação da aliança que ficou conhecida como primeiro triunvirato é tratada pelo biógrafo como a consequência de ter sido atribuída aos novos cônsules (César e Bíbulo) uma província sem importância, designada por *silvae callesque*.¹⁹ Foi esta *iniuria* que o levou a procurar o apoio de Pompeio, com quem reconciliou também Crasso, e a dar início à *societas* com aqueles dois generais.

¹⁵ Vide com. de BUTLER, H. E. & CARY, M. 1927, 57-58.

¹⁶ Em que se vê obrigado a retirar a acção contra Quinto Cátulo por oposição dos optimates (*Jul.* 15). César queria retirar-lhe a honra da restauração do Capitólio e transferir a tarefa *in alium* (para Pompeio).

¹⁷ *Jul.* 16.2. Para este pormenor, Suetónio é a única autoridade. Vide com. BUTLER, H. E. & CARY, M. 1927, 59-60.

¹⁸ *Jul.* 18.1: *Pacataque prouincia....* As campanhas são relatadas por Plutarco, *Caes.* 12.

¹⁹ *Jul.* 19.2. A designação é de interpretação obscura: há quem sugira que se trata da Córsega, mas parece pouco provável.

Uma característica de César, e motivo da narrativa, é o desrespeito dos auspícios e dos direitos dos magistrados: expulsa, pelas armas, o colega Bíbulo do Foro, por este, quando da promulgação de uma lei agrária, protestar (segundo o seu direito de *spectio*) que os augúrios não eram favoráveis. E Bíbulo, comenta o biógrafo com espírito, limita-se a ficar em casa a emitir edictos em que afirma que os augúrios não são favoráveis. Suetónio sugere ainda o ridículo a que César expôs Bíbulo com os comentários anedóticos do povo (*Jul.* 20.1-2).

A narrativa torna-se ainda mais negra com a prática terrorista de César: expulsa da Cúria e prende Catão; intimida Lúcio Luculo; passa Clódio dos patrícios para a plebe, para alvejar Cícero; simula, para atingir os opositores, uma conspiração para assassinar Pompeio, mas, como o delator subornado se engana em alguns nomes, César trata de o envenenar (*Jul.* 20.3-5). Estas irregularidades são determinantes, porque constituirão uma das causas da guerra civil: César não poderá, mais tarde, apresentar-se como *priuatus* sem correr o perigo de ter de responder por elas.

Depois de conseguida, por intervenção do sogro e do genro,²⁰ a província que desejava, a da Gália, que lhe proporcionaria matéria para um triunfo, César mostra-se insolente. A situação é de comédia:

Quo gaudio elatus non temperavit, quin paucos post dies frequenti curia iactaret, 'inuitis et gementibus adversaris adeptum se quae se concupisset, proinde ex eo insultaturum omnium capitibus'; ac negante quodam per contumeliam facile hoc ulli feminae fore, responderit quasi adludens: 'in Suria quoque regnasse Sameramin magnamque Asiae partem Amazonas tenuisse quondam' (Jul. 22.2).

«Arrebatado por esta alegria, não se conteve: poucos dias depois, com a Cúria apinhada, vangloriou-se de, 'contra a vontade e os lamentos dos opositores, ter conseguido o que desejava, e que por isso, a partir daí, iria abusar de todos eles'. A um indivíduo que, por afronta, lhe respondia que tal atrevimento não seria fácil para uma mulher, respondeu ele, como que a brincar: 'Também na Síria reinou Semíramis e outrora as Amazonas dominaram grande parte da Ásia'».

A ofensa parece pouco compatível com o carácter de César.²¹ No entanto, havia muitas testemunhas: foi pronunciada *frequenti curia*.²² A expressão *insultaturum omnium capitibus* tem um segundo sentido obsceno,²³ que melhor

²⁰ *Jul.* 22.1. Trata-se de Calpúrnio Pisão e Pompeio, que vinculara com alianças matrimoniais: casara com Calpúrnia, filha do primeiro, e dera a filha Júlia em casamento ao segundo. Cf. Plutarco *Caes.* 21.5-6.

²¹ No seu com., BUTLER, H. E. & CARY, M. 1927, 69, nota que a truculência não é uma característica de César.

²² Por outro lado, juntamente com as palavras, também se pode inventar o contexto. Mas Suetónio encontraria estas frases célebres de César numa fonte segura: Asínio Polião; vide com. de BUTLER, H. E. & CARY, M. 1927, 69; CANFORA, L. 2000, 100-101.

²³ Semelhante a *capitibus... illudere* de *Tib.* 45. *Caput* é usado por *os* em sentido obsceno (Marcial, 14.74.2). Vide com. de BUTLER, H. E. & CARY, M. 1927 (n. supl. de TOWNEND, G. B. 1982), 158.

explica a afronta do interlocutor, e que evoca a relação com Nicomedes e os costumes efeminados de César.

A partir daqui, a intriga política alterna com as ações militares. Feitas as alianças em Roma, para garantir que só seriam eleitos os magistrados que o defendessem (*Jul.* 23.2), e realizado o encontro, na cidade de Luca, com Pompeio e Crasso, para garantir que estes, e não Domício Aenobarbo, seriam cônsules no ano seguinte (55 a.C.), e lhe prolongariam o *imperium* por cinco anos, temos finalmente o general e o conquistador em ação, a recrutar e exercitar soldados na Gália e a fazer a guerra sob a suspeita e oposição do senado, que chega a pensar em entregá-lo aos inimigos.²⁴ A narração de nove anos da campanha da Gália concentra-se num resumo das vitórias e das raras derrotas.²⁵

De seguida, com uma indicação cronológica (*Eodem temporis spatio*), Suetónio introduz a notícia da morte da mãe, da filha e da neta (*Jul.* 26.1) e a intriga política: liberalidades a expensas próprias e públicas (*Jul.* 26.2-3); sistema de alianças internas (*Jul.* 27) e externas (*Jul.* 28.1). A mudança no decurso dos acontecimentos opera-se por intervenção do cônsul Marco Cláudio Marcelo, que propõe ao senado substituir César, antes do tempo, licenciar o exército, recusar o privilégio da sua candidatura a um segundo consulado *in absentia*,²⁶ com a conivência de Pompeio, e retirar o direito de cidadania aos colonos de César (*Jul.* 28.3).

É reveladora a frase que César repete: *difficilius se principem ciuitatis a primo ordine in secundum quam ex secundo in nouissimum detrudi*²⁷ («mais dificilmente o expulsariam do primeiro para o segundo lugar entre os cidadãos do que do segundo para o último»). Para atingir os fins, usa os seus agentes que estavam em Roma: um dos cônsules e os tribunos da plebe. Prepara-se o cenário da guerra civil. César, a princípio irredutível, acaba por mostrar alguma flexibilidade ao rogar ao senado que lhe mantenha o *privilegium* que o povo lhe outorgara e ao fazer propostas de conciliação,²⁸ cedências que contribuem para a construção da imagem de um clemente. Este braço de ferro levará César ao Rubicão e, a partir daí, ao poder supremo: o seu, e mais tarde, o dos outros Césares. Trata-se de uma ascensão movimentada, onde se destaca o espírito de iniciativa, uma ambição desmedida e a capacidade de arriscar. Outros Césares chegarão ao poder por azar, de forma passiva ou até contra a vontade. Mas César é o motor inicial que conduz ao Império.

1.1.2. Octávio: o cruel vingador de César

O biógrafo coloca especial cuidado na indicação da data e lugar do nascimento, mas, ao mesmo tempo, mostra-se geralmente sóbrio nesta parte. No entanto, em alguns casos, parece deixar-se impressionar pelas circunstâncias

²⁴ *Jul.* 24. Vide LUIBHEID, C. 1970 88-94.

²⁵ *Jul.* 25. Ao passo que Plutarco, *Caes.* 15-28, apresenta um longo relato.

²⁶ *Jul.* 28.2. César tinha conseguido este privilégio (cf. *Jul.* 26.1).

²⁷ *Jul.* 29.1. Palavras retiradas possivelmente de Asínio Polião, porque congruentes com as motivações de César, segundo a perspectiva deste autor: vide CANFORA, L. 2000, 145-146.

²⁸ *Jul.* 29.2; vide CANFORA, L. 2000, 147.

maravilhosas ou adversas que envolveram o evento e que parecem ter significado para uma interpretação geral de cada *Vida*. O nascimento de Augusto é fortemente marcado pelo sagrado. Conta-se que Octávio nasceu *paulo ante solis exortum* («pouco antes do nascer do sol»), facto que adquirirá significado mais à frente. Um santuário foi erigido no local e um sentenciado, ao pedir clemência, apela ao facto de ser proprietário do lugar que o *Diuus Augustus* tocou ao nascer (*Aug.* 5). Do mesmo modo, a casa onde foi criado ganha uma atmosfera de íncubo, que se torna em fonte de escrupulo religioso para quem entra, apesar de, paradoxalmente, o local ser modesto (*permodicus et cellae penuariae instar*). Está patente a concepção religiosa do temor perante a divindade, através do castigo de um culpado de *hybris*: um proprietário que – *seu forte seu temptandi causa* – tentou pernoitar na casa, foi expulso por uma *subita uis et incerta* e encontrado semiânime diante da porta, juntamente com a cama.²⁹ Nenhum outro imperador merece tal tratamento no que respeita ao nascimento. Ora esta força oculta e o *horror* religioso estão continuamente presentes ao longo da *Vida*, nas crenças e nos temores de Augusto. O carácter divino e humano da personagem caminham a par, em dois planos. Isto equivale a dizer que a tarefa da elevação do principado não é meramente humana: é preparada pelos deuses, muito antes do nascimento de Augusto.

Na apresentação dos nomes que adoptou, há uma gradação do mais humano para o mais divino, o que corresponde também à ordem cronológica de assunção. Primeiro, o nome que lhe deram em criança, Turino,³⁰ depois o de Gaio César e finalmente o de Augusto. Depois da hesitação entre este nome e o de Rómulo, prevaleceu o de Augusto pelo seu significado religioso e também por estar ligado à fundação de Roma, que segundo os *Anais* de Ênio, se processou com um Augusto Augúrio.³¹

A perda do pai faz lembrar o início da *Vida* de César. Uma perda assim precoce (Octávio tinha apenas quatro anos) pode significar uma espécie de emancipação forçada. Acresce que esta informação é o primeiro elemento de uma narrativa rápida que resume toda a vida e vem seguida do elogio fúnebre da sua avó Júlia, e irmã de César – um paralelo com o que César faz para a sua tia Júlia. Podemos supor que o conteúdo seria semelhante: a ascendência divina e real. Esta função, que marca o primeiro aparecimento em público, antecede imediatamente a narrativa da assunção da toga viril e subsequente vida activa. O biógrafo faz ressaltar a *morum indoles* e a *industria*: nem a doença, nem os caminhos infestados de inimigos, nem um naufrágio – Neptuno é o seu deus oponente – o impedem de se reunir a César.³² São características que

²⁹ *Aug.* 6. Vide PICÓN GARCÍA, V. 1984, 324-325.

³⁰ *Aug.* 7.1. Nome dado pelo lugar do seu nascimento ou porque o pai, Gaio Octávio, foi vencedor dos restos dos bandos de Espártaco e Catilina sitiados em Túrrio: cf. *Aug.* 2.1. Vide VASTO, F. DI 1985, 39-40.

³¹ *Aug.* 7.2. E Suetónio tem oportunidade de fazer considerações que dão voz ao *grammaticus*: explica a etimologia provável de Augusto.

³² *Aug.* 8.1. Segundo MAGNINO, D. 1986, 501-504, a proximidade semântica com Nicolau de Damasco (*Vit. Caes.* 24), por um lado, e a divergência na menção do naufrágio (omitido naquele biógrafo de Augusto), por outro, mostram que Suetónio utilizou, neste passo, uma fonte

César aprecia vivamente naquele jovem e serão determinantes para o futuro imperador. Depois da morte de César, é a imediata reivindicação da herança que abre a Octávio o caminho para o poder, de que Suetónio faz agora um brevíssimo resumo (*Aug.* 8.3).

Suetónio inicia a exposição *per species*,³³ com a descrição das guerras civis, onde os actos praticados revelam o homem. Vingiar a morte de César é a causa inicial de todas as guerras em que então se envolve.³⁴ Mas o biógrafo sugere que é tortuoso o caminho para atingir aquele objectivo. Um carácter calculista e pragmático se revela nas manobras políticas: como Marco António se mostra um oponente às suas ambições, Octávio transfere-se para o partido dos optimates; prepara um atentado contra a vida de António; vai em auxílio de Décimo Bruto, um dos assassinos de César, cercado em Mútna. Mostra-se covarde na primeira batalha, segundo António, e ousado na segunda (*Aug.* 10. 2-4). Fica também a forte suspeita da sua responsabilidade na morte dos cônsules Hircio e Pansa, para aceder mais facilmente ao controlo da República (*Aug.* 11). Depois, com o pretexto de que os senadores o caluniavam e ameaçavam com um jogo de palavras – *quasi alii se puerum, alii ornandum tollendumque iactassent*³⁵ («por bradarem uns que era um rapazola e outros que se devia ataviá-lo e elevá-lo ao céu») –, abandona estrategicamente a causa dos optimates e, para ostentar a sua mudança, multa e desterra os cidadãos de Núrsia pelo facto de terem erigido uma estátua aos caídos em defesa da liberdade, isto é, na luta por Octávio e pelo senado, contra António (*Aug.* 12). Através de uma deslocação cronológica,³⁶ Suetónio torna Octávio mais odioso, ao castigar os seus antigos apoiantes, só porque mudou de partido.

A constituição do segundo triunvirato (*cum Antonio et Lepido societas*) parece subordinar-se ao objectivo da vingança de César, que se completa depois da batalha de Filipos e sem moderação. Diz Suetónio que Octávio enviou a cabeça de Bruto para Roma, para ser lançada aos pés da estátua do tio-avô, e ultrajou prisioneiros de elevada estirpe.³⁷ O pormenor da cabeça faz pensar no cumprimento de um voto macabro. Suetónio parece empenhado em oferecer a versão mais trágica. Plutarco diz que António concedeu funerais dignos a Bruto;³⁸ e Díon Cássio, por sua vez, refere que António presidiu aos funerais e que a cabeça de Bruto foi enviada para Roma (onde nunca chegou, devido a

comum: a autobiografia de Augusto.

³³ *Aug.* 9.1: *Proposita uitae eius uelut summa parte<s> singulatim neque per tempora, sed per species exequar.*

³⁴ *Aug.* 10.1. Vide BALDWIN, B. 1983, 248.

³⁵ *Aug.* 12. Suetónio envolve Cícero na designação genérica *alii* para designar aqueles que chamavam *puer* a Octávio: *Att.* 16.8.1; 16.11.6. De resto, a expressão é eco de *laudandum adolescentem, ornandum, tollendum* da autoria de Cícero, *Fam.* 11.20.1. McDERMOTT, W. C., 1972, 497, faz notar que Cícero nunca aparece em Suetónio, senão como autoridade final incontestada.

³⁶ Díon Cássio, 48.13.6, coloca o episódio no contexto da guerra de Perúsia, em que os habitantes de Núrsia seriam opositores, não aliados. Vide GASCOU, J. 1984, 194-196.

³⁷ *Aug.* 13.1. Em contrapartida, não menciona o suicídio de Cássio no termo da primeira batalha [cf. Tito Lívio (*Per*) 124.], talvez porque tal facto descentrasse a acção.

³⁸ Plutarco, *Ant.* 22.7 e *Brut.* 53.3. Vide GASCOU, J. 1984, 178.

um naufrágio), sem referir a responsabilidade de Octávio.³⁹ É também de notar a omissão do naufrágio por parte de Suetónio, que assim pretende sugerir que a vingança foi completa e a acção centralizada na pessoa de Octávio. As atitudes seguintes de Octávio são de clara impiedade, ilustrada com vários exemplos.⁴⁰ A crueldade foi tal, que os restantes condenados, ao serem levados para a morte, o que é significativo, embora saudassem António como *imperator*, injuriaram Octávio (*Aug.* 13.2). O leitor começa a sentir que o herdeiro de César levava a vingança longe de mais. Esta fase da *Vida* é bastante negra. Mais à frente, no elenco das obras públicas, Suetónio nomeia em primeiro lugar o templo a Marte Vingador e esclarece que se tratava de um voto feito por altura da guerra de Filipos, desencadeada para vingar o pai adoptivo (*Aug.* 29.1-2).

O biógrafo torna presente a ameaça constante da morte, ao afirmar que muitos perigos estiveram a ponto de ditar o fim de Octávio, quer antes, quer durante a guerra de Perúsia: foi salvo por duas vezes em situação limite. Depois de mandar expulsar um soldado que se sentara nos lugares reservados aos cavaleiros no teatro, os inimigos de Octávio propagaram o rumor de que ele tinha mandado executar o soldado, o que provocou a indignação dos militares. E Suetónio, mais dramático que Apiano,⁴¹ diz que Octávio foi salvo no último momento, porque o soldado apareceu são e salvo. Outra vez, ao oferecer sacrifícios junto aos muros de Perúsia, quase foi apanhado por uma surtida de um grupo de gladiadores (*Aug.* 14). Mas nem esses perigos o fizeram moderar-se. A gradação atinge o auge:

*Perusia capta in plurimos animaduertit, orare ueniam uel excusare se conantibus una uoce occurrens 'moriendum esse'. Scribunt quidam trecentos ex dediticiis electos utriusque ordinis ad aram Diuo Iulio extractam Idibus Martiis hostiarum more mactatos.*⁴²

«Depois da tomada de Perúsia, tomou duras providências contra muitos. A quem tentava pedir perdão ou desculpar-se replicava com uma única sentença: 'é preciso que morras'. Relatam alguns que escolheu trezentos dos que se renderam, de uma e outra ordem, e os imolou nos Idos de Março, junto ao altar erigido ao Divino Júlio, como é costume fazer com os animais dos sacrifícios».

³⁹ Dión Cássio, 47.49.2. Vide GASCOU, J. 1984, 183.

⁴⁰ A um vencido que lhe suplicava a graça de ser enterrado, respondeu que «isso ficaria a cargo das aves»; a um pai e um filho que lhe pediam que lhes fossem poupadas as vidas, mandou-os tirar à sorte ou *micare* (jogo popular a que os italianos chamam a “morra”), para ver a qual dos dois concederia essa graça; depois assistiu à morte de ambos, pois que o filho se suicidou, ao ver que o pai dera a vida por ele. O episódio de tirar à sorte entre o pai e o filho é colocado por Dión Cássio, 51.2.5-6, depois da batalha de Áccio, em contexto que não é hostil a Octávio, com indicação do nome das vítimas, o que faz suspeitar que o erro de cronologia será de Suetónio; vide GASCOU, J. 1984, 183-185.

⁴¹ Apiano, *BC* 5.2.15. Este autor pretende mostrar até onde foi a arrogância dos soldados, enquanto Suetónio quer mostrar a gravidade do perigo que Octávio correu: vide GASCOU, J. 1984, 191-192.

⁴² *Aug.* 15. Cf. Dión, 48.14.4. Suetónio é mais severo para Octávio: omite o perdão concedido a Lúcio António e acrescenta a nota *moriendum esse* que não vem em Dión; vide GASCOU, J. 1984, 197.

O deus poderia sentir-se apaziguado. Mas a Fúria está descontrolada. A ambição do jovem exacerba-se e deixa atrás de si um rasto de morte. Torna-se megalómano nas suas vitórias. Não poupa os oponentes: nem os homens, nem os deuses.

Na guerra da Sicília, vence Sexto Pompeio, entre Milas e Náuloco; mas, na hora de começar o combate, é acometido de um sono profundo. Por isso, António o acusa de falta de coragem (*Aug.* 16.2-3). Este sono seria realmente pouco dignificante, se não fosse decalcado de uma anedota semelhante que se conta a propósito de Alexandre Magno, na véspera da batalha de Gaugamelos.⁴³ Suetónio deveria conhecê-la, mas omite o confronto. De resto, já Júlio César (como tantos outros generais) sonhava igualar Alexandre. São-lhe ainda imputadas palavras e atitudes ímpias: quando a tempestade destruiu a frota, Augusto disse que venceria, mesmo contra a vontade de Neptuno e retirou a imagem do deus da procissão dos jogos que se seguiram. Suetónio, para sublinhar o risco que Octávio correu nessa guerra, faz imediatamente saber que nunca, como então, ele se viu exposto a *plura ac maiora pericula*. Segue-se nova descrição de situações em que esteve muito perto de ser capturado e morto por um escravo. Mas, no fim, Octávio vence, e Lépidio, que fizera exigências, é exilado depois de ter suplicado pela vida (*Aug.* 16.3-4). Descartado este colega, resta a incerta aliança com António (*Aug.* 17.1).

A ideia que se vai incutindo no leitor é de que Augusto perde batalhas, mas, no final, ganha a guerra. Os traços de falta de moderação e crueldade contrastam com a clemência do futuro príncipe.

1.1.3. *Galba: o destruidor da dinastia júlio-cláudia*

Os sucessores de Augusto (Tibério, Calígula, Cláudio e Nero) sobem ao poder por sucessão dinástica. O aparecimento de Galba justifica-se com a necessidade de destronar a família júlio-cláudia que se tinha tornado insustentável. À nobreza da família deste general juntam-se os presságios.

Depois de fornecer os dados relativos ao nascimento, por referência aos consules e ao lugar (*Gal.* 4.1), Suetónio entra imediatamente na descrição dos presságios, que nesta *Vida* se multiplicam⁴⁴ e que, desde cedo, fazem de Galba um predestinado para o império, mas em idade avançada. Um dia em que fora saudar Augusto, este, segurando-lhe a bochecha, disse: *καὶ σὺ τέκνον τῆς ἀρχῆς ἡμῶν παρατρέξῃ* (*Gal.* 4.1) («também tu, meu filho, hás-de provar do nosso poder»). É significativo que Suetónio atribua ao fundador do principado um presságio que tanto Tácito como Dión Cássio atribuem a Tibério,⁴⁵ mas mais espantoso é que ponha na boca de Augusto as últimas palavras de César

⁴³ Plutarco, *Al.* 32. Suetónio combina um relato da propaganda de Octávio com um da contrapropaganda do adversário: as insinuações de António acerca do alegado medo do seu rival. Vide FRANCO, C. 1989, 257-264.

⁴⁴ Dezasseis, entre os de elevação e de queda do príncipe, como nota GASCOU, J. 1984, 447-450.

⁴⁵ Cf. Tácito, *Ann.* 6.20.2, e Dión Cássio, 57.19.4.

ferido de morte (καὶ οὐ τέκνον),⁴⁶ às quais o leitor não poderá deixar de associar o vaticínio, estabelecendo assim ligação entre Bruto e Galba, entre o assassino de César e o principal agente do fim da dinastia júlio-cláudia.⁴⁷ O facto de ter sobrevivido sob Tibério fica a dever-se ao facto de este saber que Galba só em idade avançada seria imperador: *'uiuat sane', ait, 'quando id ad nos nihil pertinet'*⁴⁸ («Que viva à vontade – diz ele –, já que isso a nós em nada nos afecta»). Na preparação da revolta contra Nero, Galba toma como felicíssimo o facto de uma mula ter parido, fenómeno que outros esconjuravam como abominável, porque, certa vez, o seu avô, perante o vaticínio de que o poder soberano seria dado à sua família, mas numa época tardia, respondeu, incrédulo e a gracejar, com um provérbio: *'sane' inquit 'cum mula peperit'* («pela certa – disse ele – quando uma mula tiver parido»)⁴⁹. Nesta perspectiva, a chegada de Galba ao império equivale à realização de um *adynaton*, tarefa que só os deuses podem levar a cabo. O destino de Galba cumpre-se entre o favor e desfavor da Fortuna. Depois de assumir a toga viril, a deusa aparece-lhe em sonhos a reclamar hospitalidade diante da sua porta. Ao despertar, Galba encontra uma estátua da deusa à entrada e consagra-lhe uma divisão da casa na propriedade de veraneio de Túsculo.⁵⁰ A deusa irá abandoná-lo mais tarde (*Gal.* 18.2).

Galba aparece como um homem íntegro e completo. É com admiração que Suetónio o apresenta atreito à observância dos antigos costumes (*Gal.* 4.4) e culto (dedica-se aos estudos das humanidades e do direito). Cumpre o dever cívico do matrimónio, mas, ao perder a esposa, Lépida, permanece *in caelibatu*, apesar das solicitações de Agripina (*Gal.* 5.1). À nobreza de família e aos sinais divinos junta-se agora a sua posição na corte, manifesta na veneração por Lúvia Augusta (*Gal.* 5.2), e a integridade de carácter, qualidades necessárias num príncipe. Suetónio, ao contrário do que é seu hábito, coloca estas rubricas na primeira parte da biografia, isto é, antes da tomada do poder: por um lado, Galba chegou ao império em idade avançada; mas, por outro, esta disposição

⁴⁶ Cf. *Jul.* 82.3. ARNAUD, P. 1998, 57 61-71, diz que deveria tratar-se da adaptação, a julgar pela métrica atribulada de um verso grego então vulgarizado (mas que Díon não conhecia, visto que o traduz para grego a partir do latim presente nas fontes). O verbo de fecho (que significa 'saborear de passagem', 'mordiscar') e o partitivo τῆς ἀρχῆς ἡμῶν indicam que a consumação do poder será efémera.

⁴⁷ Vide POULLE, B. 1997, 248-249. Segundo este autor, «Par le jeu littéraire d'écho interne, il [Suetone] donne un bon reflet de la duplicité de la propagande de Galba, qui d'un côté se présentait comme l'héritier moral d'Auguste et de l'autre mettait en avant le thème de la *libertas restituta*.» O lema da *libertas restituta* figurava entre as legendas das moedas cunhadas por Galba, sem que isso, no entanto, faça dele um restaurador da República.

⁴⁸ *Gal.* 4.1. Cf. Díon Cássio, 57.19.4.

⁴⁹ *Gal.* 4.2. Cf. Díon Cássio, 54.1.3. Parece-nos uma elaboração da propaganda de Galba, para virar a favor do general um prodígio que, devido à superstição, poderia ameaçar o moral das tropas. Alguns militares hesitavam em aderir à sublevação. Já César procurava voltar os presságios a seu favor: cf. *Jul.* 59.

⁵⁰ *Gal.* 4.3. Díon Cássio, 54.1.2, coloca este sonho no período da revolta contra Nero. Será mais uma efabulação da propaganda na altura em que tentava conquistar o poder ou uma história posterior, elaborada a partir da devoção de Galba pela deusa Fortuna. Durante o principado, a Fortuna é, com a Vitória, um preeminente atributo da casa imperial; vide com. MURISON, Ch. L. 1992, 35.

permite ao biógrafo congregar estes aspectos favoráveis na primeira parte da vida, deixando os mais negros para o final.

O *curriculum*, favorecido pelo destino e pelas suas qualidades de carácter, é ilustrado com aspectos curiosos. O facto de atingir as honras antes do tempo legal⁵¹ contribui para o aproximar dos príncipes anteriores. Exerceu o consulado entre o do pai de Nero e o do pai de Otão, *uelut praesagium insequentis casus*⁵² («como um presságio do que aconteceria mais tarde»). Colocado por Calígula à frente do exército da Germânia, em lugar de Gétulico, restabeleceu imediatamente a disciplina, de tal modo que se difundiu pelo acampamento o verso: *disce miles militare: Galba est, non Gaetulicus* (*Gal.* 6.2) («Aprende, tropa, a andar na tropa: este é Galba, não Gétulico»). O próprio Galba, modelo de general, dirige os exercícios militares e mantém a boa forma física: chega a correr ao lado do imperador durante uma distância de vinte mil passos.⁵³ Abona seu favor o facto de se não mostrar ambicioso. Depois da morte de Gaio, recusa aceitar o poder, apesar de o exortarem, atitude que lhe valeu a gratidão de Cláudio. Este acolheu-o com tal estima, que inclusivamente adiou a expedição à Britânia devido a uma doença ligeira do general.⁵⁴

Durante o seu consulado de África, Galba procedeu com *seueritas* e *iustitia* até nas mais pequenas coisas.⁵⁵ Suetónio apresenta um exemplo para cada uma das qualidades. Quanto à *seueritas*, Galba proibiu que prestassem ajuda a um soldado que vendera a parte da ração que restava, e este acabou por morrer de fome.⁵⁶ Tal severidade antecipa a futura crueldade. Quanto à *iustitia*, conta-se a história de um julgamento digno de Salomão para determinar a propriedade

⁵¹ *Gal.* 6.1. Afirmação considerada estranha no com. de MURISON, Ch. L. 1992, 40, pois havia uma idade mínima para ser candidato a cada magistratura. Esta idade mínima podia, ao abrigo da *lex Papia Poppaea* (9 d. C.), ser reduzida em tantos anos quantos os filhos. Se Galba obtive as magistraturas antes do tempo devido, foi graças aos filhos, que não sobreviveram; cf. *Gal.* 5.1.

⁵² Como nota, no seu com., MURISON, Ch. L. 1992, 42, a coincidência é ainda maior do que Suetónio afirma: Gneu Domício foi cônsul ordinário em 32; Galba em 33, Gneu Domício foi *suffectus* em 33 e a este sucedeu, como cônsul ordinário de 34, L. Vitélio, pai do sucessor de Otão. Cremos que tal omissão evidencia a técnica de Suetónio de centrar a narrativa no biografado. A coincidência de o pai de Vitélio suceder ao de Otão só poderia interessar às *Vidas* destes dois imperadores.

⁵³ *Gal.* 6.3. Não se diz que Galba foi obrigado a tal; o biógrafo só quer mostrar o vigor de Galba como legionário. Mas Suetónio dissera que Gaio (*Cal.* 26.2) obrigou os senadores a correrem atrás do seu carro como forma de humilhação. Do texto de Suetónio se depreende que Galba devia levar uma vida austera; vide MARTIN, R. 1991, 81 e 112.

⁵⁴ *Gal.* 7.1. Isto não quer dizer que Galba tenha participado na expedição à Britânia, como nota BARRETT, A. A. 1983, 243-245. Mas, segundo MURISON, C. L. 1985, 254-256, também já não estaria a comandar o exército da Germânia; teria acompanhado Cláudio de Roma até Gesoriaco, onde se sentiu doente.

⁵⁵ Se a *iustitia* é confirmada por Tácito, a afirmação da *seueritas* durante o proconsulado de África contrasta com o tacitano *moderate: Hist.* 1.49.4. Vide com. de VENINI, P. 1977, 30.

⁵⁶ *Gal.* 7.2. Segundo o com. de MURISON, Ch. L. 1992, 47, esta história é absurda e revela completa ignorância do funcionamento do serviço de abastecimento do exército romano. O soldado pagava as suas rações e o dinheiro era descontado no salário. Logo, como legal possuidor, podia fazer o que quisesse das rações.

a remoção das insígnias das famílias nobres de Roma e a morte de Ptolemeu, parente do imperador, porque o fulgor da púrpura do seu manto tinha atraído todos os olhares durante um espectáculo.¹⁵⁶ Mais uma vez, Suetónio deixa de lado as motivações políticas, para seguir as razões éticas. A culminar estes *exempla*, recria uma cena particularmente viva, onde a inveja leva o imperador a tornar-se ridículo:

Cum quodam die muneris essedario Porio post prosperam pugnam serum suum manummittenti studiosius plausum esset, ita proripuit se spectaculis, ut calcata lacinia togae praeceps per gradus iret, indignabundus et clamitans 'dominum gentium populum ex re leuissimum plus honoris gladiatori tribuentem quam consecratis principibus aut praesenti sibi' (Cal. 35.3).

Uma vez, em dia de jogos, como o gladiador de carro Pório foi calorosamente aplaudido por ter libertado o seu escravo depois de um glorioso combate, saiu do espectáculo tão bruscamente que calçou a orla da toga e se precipitou de cabeça pelos degraus abaixo, a ferver de indignação e a gritar que 'o povo dominador do mundo, por uma futilidade, concede mais honras a um gladiador do que aos divinos príncipes ou a ele próprio ali presente'.

Como no caso de Calígula, a inveja de Nero vira-se contra os outros heróis: manda abater as estátuas de todos os vencedores dos jogos sagrados, arrastá-las e lançá-las às latrinas.¹⁵⁷ De modo semelhante, para a morte de Britânico, Suetónio apresenta, em primeiro lugar, a inveja que Nero tinha da voz dele, a par do medo de perder a popularidade em favor do filho de Cláudio (*Nero* 33.2). Suetónio alonga-se a descrever todo o cuidado que Nero põe em controlar a actividade de Locusta, na preparação de venenos sucessivamente mais fortes, capazes de dar morte instantânea ao rival. Por contraste, acentua-se o pouco cuidado posto no

Áccio. Com base numa pintura existente no Iseu do Palatino, que representará o desembarque de Helena e Páris no Egipto, Segundo LAMBRECHTS deduz que Calígula preferiria a versão do mito apresentada por Estesicoro à de Homero. Vide WARDLE, D. 1994, 266. O próprio Suetónio transmite citações de Homero e Virgílio feitas por Calígula. BARRETT, A. A. 1989 (2000), 48, vê no passo em análise algo da convenção que atribui aos imperadores visões literárias perversas, como acontece com Adriano; cf. Díon Cássio, 69.4.6.

¹⁵⁶ *Cal.* 35.1. Ao contrário do que afirma GASCOU, J. 1984, 421, n. 153, não parece haver contradição em Suetónio em relação ao que tinha dito em *Cal.* 26.1: então apresentava um exemplo de *impietas* familiar; agora fala da causa da morte: a inveja. Esta não exclui a *impietas*, antes a agrava. Vide com. de WARDLE, D. 1994, 270-271. Mas esta morte levanta questões políticas que Suetónio não aborda. Para FAUR, J.-C. 1973, 55 248-271, Ptolemeu foi morto porque se envolvara na conjura de Getílico e, dado ser descendente de Marco António, era um potencial rival de Calígula. Esta hipótese é contestada por GASCOU, J. 1984, 420 n.152, que a considera inverosímil. Para BARRETT, A. A. 1989 (2000), 116-118, e ANTONELLI, G 2001, 140-142, dado o contexto em que ocorreu a morte de Ptolemeu, este deve ter estado envolvido numa conjura, talvez com a promessa de um reino independente.

¹⁵⁷ *Nero* 24.1. Deve tratar-se de uma generalização e exagero de Suetónio, a partir do caso da estátua do citaredo Pâmedes, mutilada devido à inveja de Nero (como diz Díon Cássio, 63.8.5); ou de uma grosseira acusação, baseada no facto de que Nero removeu numerosas estátuas da Grécia para o adorno da *Domus Aurea*. Vide com. de BRADLEY, K. R. 1978, 143; com. de WARMINGTON, B. H. 1999, 52.

funeral, realizado num cenário desolador de chuva torrencial.¹⁵⁸

Vitélio mostra a sua espectacularidade no seu vício principal: a gula. Os banquetes de Vitélio são uma caricatura dos de Nero. Ele próprio consegue ter capacidade para tantas refeições, graças ao recurso ao vômito (*Vit.* 13.1). Tais banquetes implicam enormes gastos, com pratos enormes e requintados, de que se destaca o denominado «escudo de Minerva protectora da cidade». A gula incontrolável expõe este imperador a atitudes ridículas e indignas.¹⁵⁹ Este vício aparece também associado à *saevitia* na expressão que usa quando manda executar um condenado à sua frente porque «queria dar alimento aos olhos» (*Vit.* 14.2).

Os tiranos exercem também o seu poder no domínio sexual. A *impudicitia* e a as *libidines* de César são expostas, como já vimos, nos versos dos soldados no triunfo da Gália (*Jul.* 49.4; 51). Motivo de muitos comentários foi o chamado “banquete dos doze deuses” no palácio de Augusto, em que o próprio imperador se disfarçou de Apolo. No segredo de Cápreas, Tibério pode entregar-se ao vício. O abandono da máscara – a característica dissimulação de Tibério – é concretizado com uma luxuriosa *mise-en-scène*:

*Secessu uero Caprensi etiam sellaria excogitauit, sedem arcanarum libidinum, in quam undique conquisiti puellarum et exoletorum greges monstrosique concubitus repertores, quos spintrias appellabat, triplici serie conexi, in uicem incestarent coram ipso, ut aspectu deficientis libidines excitaret. Cubicula plurifariam disposita tabellis ac sigillis lasciuissimarum picturarum et figurarum adornauit librisque Elephantidis instruxit, ne cui in opera edenda exemplar impetratae schemae deesset. In siluis quoque ac nemoribus passim Venerios locos commentus est prostantisque per antra et cauas rupes ex utriusque sexus pube Paniscorum et Nympharum habitu, quae palam iam et uulgo nomine insulae abutentes Caprineum dictabant.*¹⁶⁰

«No seu retiro em Cápreas, inventou também um quarto com divãs, sede das suas lascívia secretas, no qual, bandos de moças e rapazes pervertidos, recolhidos de toda a parte, e os inventores de monstruosas uniões, aos quais chamava *spintriae*, encadeados em grupos de três, se pudessem prostituir alternadamente à sua frente, para que, ao olhar, ele excitasse os seus desejos em declínio. Adornou alcovas, dispostas em vários sítios, de quadros e estatuetas com pinturas e esculturas de extrema devassidão e guarneceu-os de livros de Elefântis, para que a ninguém faltasse, ao executar o serviço, o modelo da atitude exigida. Também, nas matas e nos bosques, teve a ideia de distribuir, por aqui e por ali, sítios para os prazeres de Vénus e, por antros e grutas, os que se prostituíam, de entre a juventude de um e outro sexo, em traje de pequenos Pãs e Ninfas. Por esta razão, às claras e jogando publicamente com o nome da ilha, repetidas vezes lhe chamavam ‘capríneo’».

Embora diga que tudo se passa no segredo da ilha, o biógrafo descreve

¹⁵⁸ *Nero* 33.2-3. Tácito, *Ann.* 13.17.1, diz que o vulgo viu nesta tempestade uma manifestação da ira divina por causa do crime. FINI, M. 1993, 125-129, rejeita a culpa de Nero na morte de Britânico.

¹⁵⁹ *Vit.* 13.3. Vide MARTIN, R. 1991, 115.

¹⁶⁰ *Tib.* 43. Grandes semelhanças verbais com Tácito, *Ann.* 6.1.

toda esta cena, servindo-se do perfeito do indicativo, como se a ela tivesse assistido. A trama mitológica é evidente. A referência aos Pãs e ninfas bem como à alcunha de capríneo sugere que a sexualidade de Tibério é inspirada na dos Sátiros. Tibério cria à sua volta um teatro pornográfico e mitológico, consonante com o gosto da época, – encenações que, para o biógrafo, são apenas motivadas pelo voyeurismo do velho depravado. Mas o apetite pelo escândalo faz Suetónio ceder às versões mais romanescas resultantes da calúnia. O erotismo na piscina, que o biógrafo considera mais grave (*maiore adhuc turpiore*) – pois meninos de tenra idade, a quem o imperador chamava *pisciculi*, nadavam à sua volta para lhe excitarem os sentidos (*Tib.* 44.1) –, inscreve-se num *topos* da poesia epigramática e na diatribe contra os tiranos.¹⁶¹ Corre o boato de que Domiciano também depila as concubinas e nada no meio das mais vis cortesãs; e designa, cinicamente, o coito como “combate de cama”.¹⁶² Como é típico dos tiranos, o último dos Flávios apresenta um apetite sexual desmedido e amoral, que se manifesta na forma como, apesar de ter recusado o casamento com Júlia, filha do irmão, a seduz depois de casada, ao ponto de, mais tarde, lhe causar a morte, ao obrigá-la a abortar.¹⁶³

Por vezes os imperadores tornam-se protagonistas de actos que se transformam em verdadeiros espectáculos de tragicomédia ou de mimo. O rumor da violação do jovem ministro do sacrifício e do irmão, com o requinte do quebrar das pernas a ambos, *quod mutuo flagitium exprobrarant* («porque tinham censurado um ao outro aquela vergonha»), alia a lascívia de Tibério à crueldade, à profanação e ao humor negro. Tal crueldade manifesta-se também em relação às mulheres nobres. O caso de Malónia representa o abuso do tirano para com as mulheres da aristocracia:

Feminarum quoque, et quidem illustrium, capitibus quanto opere solitus sit includere, evidentissime apparuit Malloniae cuiusdam exitu, quam perductam nec quicquam amplius pati constantissime recusantem delatoribus obiicit ac ne ream quidem interpellare desiit, 'ecquid paeniteret'; donec ea relicto iudicio domum se abripuit ferroque transegit, obscaenitate[m] oris hirsuto atque olido seni clare exprobrata. Vnde mora in Atellanico exhodio proximis ludis adsensu maximo excepta precrebuit, 'hircum uetulum capreis naturam ligurire' (Tib. 45).

Também o empenho com que costumava infamar a honra das mulheres, e

¹⁶¹ Vide GASCOU, J. 1984, 438; MARTIN, R. 1991, 153-157; DUPONT, F. et ÉLOI, T. 2001, 293-306 ; BRANDÃO, J. L. 2005c, 92-94..

¹⁶² *Dom. 22: Libidinis nimiae, assiduitatem concubitus uelut exercitationis genus 'clinopalen' uocabat.* DÍON CÁSSIO, 67.6.3-4, diz que ele gostava de ter comércio com mulheres e rapazes. Domiciano, também no campo sexual, terá sido vítima, como Tibério, Calígula e Nero, de uma tradição desfavorável, que atribuía ao tirano todos os vícios, também na vida privada: vide MARTIN, R. 1991, 161.

¹⁶³ Ideia semelhante se encontra em Juvenal, 2.29-33; Plínio, *Ep.* 4.11.6; DÍON CÁSSIO, 67.3.1. No seu com. JONES, B. W. 1996, 151 (e, mais tarde, JONES, B. & MILNS, R. 2002, 167), duvida de que o relacionamento de Domiciano com Júlia fosse o descrito pela tradição, tendo em conta o que se diz em Marcial, 6.3.5.

mesmo das ilustres, manifesta-se muito claramente na morte de uma certa Malónia, que, depois de possuída, como ela se recusava com muita firmeza a deixá-lo ir mais além, lançou-a aos delatores e não deixou de perguntar à acusada se 'se arrependia'. Até que ela, abandonando o tribunal, se refugiou em casa e se trespassou com um punhal, depois de ter censurado sem rodeios a obscenidade oral do velho rude e malcheiroso. Daí que, por altura dos jogos seguintes, um exódio de atelana se divulgou com a aprovação geral: 'o velho bode lambe o sexo às cabras'.

Trata-se de um momento trágico: Malónia é a nova Lucrecia, vítima de tirania sexual.¹⁶⁴ O suicídio torna mais dramáticas e mais credíveis as censuras que a mulher faz a Tibério. Ao mesmo tempo, tem um desfecho burlesco, pela apropriação a um verso de atelana, género conhecido pelo assunto escabroso. A transição entre o primeiro e o segundo momento parece demasiado apressada e desconcertante. A nobreza de Malónia não se acomoda ao plebeísmo de *caprea*. Mas é comum em Suetónio encontrar o trágico e o burlesco associados: uma espécie de humor negro que era também apanágio de Tibério. O carácter teatral da narrativa é acentuado pela selecção dos acontecimentos: Suetónio é o único autor que conta este caso. O exódio da Atelana vem, mais uma vez, reforçar a ideia da associação de Tibério às figuras de Pã que povoavam a ilha.

Quanto a Calígula, Suetónio parte da convicção de que cometeu incesto com todas as irmãs, para se centrar na relação privilegiada com Drusila, a quem violentara na juventude e tratava mais tarde publicamente como esposa.¹⁶⁵ Quando Drusila morre, o imperador, incapaz de suportar a dor, retira-se para a Campânia e, dali, para Siracusa, e depois volta com os cabelos e a barba compridos.¹⁶⁶ Calígula manifesta necessidade de fazer da sua vida pessoal um espectáculo constante. Depois de arrebatado Orestila ao marido, Gaio Pisão, disse que procurara um matrimónio segundo o exemplo de Rómulo e de Augusto, evocando assim o modelo matrimonial dos fundadores de Roma e do principado. Pretende associar o seu acto ao mítico rapto das Sabinas e à consagrada união de Augusto e Lívia, ao tomar para si outra Lívia.¹⁶⁷ O facto de amar ardentemente Cesónia, parece ser o motivo de a ostentar aos soldados, ataviada de clâmide, escudo e elmo, a cavalgar ao lado dele – paródia do general triunfador ou imagem de amazona –, e de a exhibir nua aos amigos.¹⁶⁸

¹⁶⁴ Vide MARTIN, R. 1991, 133.

¹⁶⁵ *Cal.* 24.1. A identificação com os príncipes Lágidas, com quem Calígula (segundo Fílon, *Leg.* 162) mantém boas relações e que casam com as irmãs, pode explicar a relação com Drusila e as honras que lhe concede depois da morte. Vide MARTIN, R. 1991, 331; COLIN, J. 1954, 408; LAMBRECHTS, P. 1953, 226-228 e n. 2.

¹⁶⁶ *Cal.* 24. 2. É este o momento que Camus escolherá para começar a sua peça. Para LUCAS, J. 1967, 175, trata-se de uma acto impulsivo, uma de regressão afectiva a um estágio infantil.

¹⁶⁷ *Cal.* 25.1. Suetónio diz que também se chama Lívia, quando Díon Cássio, 59.8.7, fala de Cornélia Orestila (ou Orestina). Quer se trate de uma justificação do imperador para o seu acto, quer seja uma marca de humor negro, Suetónio situa o dito, como toda a rubrica dos casamentos, sob o estigma da *impietas: matrimonia contraxerit turpius an dimiserit an tenuerit, non est facile discernere*.

¹⁶⁸ Este facto só é transmitido por Suetónio, *Cal.* 25.3. Também Nero vestia as concubinas

Destaca-se também o episódio, certamente generalização (o uso do imperfeito sustém um discurso iterativo), da avaliação das mulheres *mercantium more* (como ironicamente nota o biógrafo) à frente dos maridos, para escolher uma e no fim comentar o seu corpo e a sua “performance” na cama.¹⁶⁹

Nero, ainda mais aparatoso que o seu tio, quando se entrega abertamente ao vício, promove a prostituição de matronas ao longo das margens do Tibre, nas viagens para Óstia, e ao longo da costa, nas viagens para Baías, e impõe orgias sumptuosas aos amigos.¹⁷⁰ O seu carácter histriónico manifesta-se na paródia do ritual do casamento com o eunuco Esporo, com dote e *flammeum* e cortejo nupcial, ao ponto de o tratar, em público, como legítima esposa,¹⁷¹ e nos jogos de devassidão que inventa:

*Suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit ut contaminatis paene omnibus membris nouissime quasi genus excogitaret, quo ferae pelle contactus emitteretur e cauea uirorumque ac feminarum ad stipitem deligatorum inguina inuaderet et, cum affatim desaeuisset, conficeretur a Doryphoro liberto; cui etiam sicut ipsi Sporus, ita ipse denupsit, uoces quoque et heulatus uim patientium uirginum imitatus.*¹⁷²

«Prostituí a tal ponto o seu pudor que, depois de contaminar quase todos os membros, inventou como que um jogo completamente novo, segundo o qual, coberto com uma pele de animal selvagem, se lançava de uma jaula e atacava os órgãos sexuais de homens e mulheres atados a um poste e, depois de se faltar de tais sevícias, era possuído pelo seu liberta Doriforo, a quem serviu de noiva, como Esporo a ele próprio, e chegou mesmo a imitar os gritos de sofrimento das virgens ao serem forçadas».

O biógrafo apresenta, assim, sob a perspectiva da degradação moral, duas representações miméticas do imperador: uma que recria a sorte dos condenados às feras, mas em que Nero se transforma na fera executora do

de amazonas (*Nero* 44.1).

¹⁶⁹ *Cal.* 36.2. Cf. *Aug.* 69.1.

¹⁷⁰ *Nero* 27.3. Estes episódios relatados em *Nero* 27, fazem suspeitar de generalização de Suetónio a partir do banquete de Tigelino (descrito em Tácito, *Ann.* 15.37), que não seria meramente um banquete de devassidão, mas uma celebração dos *Floralia*, o festival das prostitutas; vide ALLEN, W. 1962, 99-109; com. de BRADLEY, K. R. 1978, 158-160; HIGGINS, J. M. 1985, 116-118.

¹⁷¹ *Nero* 29.1. Díon Cássio, 63.13.1, fala da semelhança de Esporo com Popeia Sabina. O ritual tem sido visto por alguns autores como uma cerimónia de iniciação numa religião mistérica: Esporo teria sido castrado, porque era servidor de Cibele. O *flammeum* é também o véu do iniciado. Vide VERDIÈRE, R. 1975, 21-22; com. de BRADLEY, K. R. 1978, 161-162; CIZEK, E. 1982, 41; MARTIN, R. 1991, 171; FERNÁNDEZ URIEL P. 1994, 111-124.

¹⁷² *Nero* 29. Crê-se que este Doriforo e o Pitágoras que figura no relato de Tácito, *Ann.* 15.37.4, e Díon Cássio, 63.13.2, sejam a mesma pessoa e que se trataria, como no caso de Esporo, de um casamento místico, em que Nero seria o iniciado. Doriforo não era o nome próprio, mas a função de ministro do culto de Cibele ou da deusa Ma-Belona; vide VERDIÈRE, R. 1975, 19-20; com. de BRADLEY, K. R. 1978, 164-165; CIZEK, E. 1982, 41-42; MARTIN, R. 1991, 160 e 169-171; FERNÁNDEZ URIEL P. 1994, 111-124. Pelo contrário, DUPONT, F. et ÉLOI, T. 2001, 322, criticam estas hipóteses e consideram mais prudente confinarmo-nos aos textos.

castigo (*nouissime quasi genus lusus*);¹⁷³ outra em que mimetiza uma situação que, pela obscenidade e pela procura de realismo, nos faz lembrar uma cena de mimo (como sugere *imitatus*).

Tais exemplos representam o ponto de vista biográfico da fase final dos piores imperadores. Quanto mais cruel e arrogante se mostra um imperador, mais dramático se torna o sacrifício do tirano, explorado na narrativa da morte. A morte transforma-se numa necessidade e, em certos casos, assemelha-se a um ritual de expiação, como veremos à frente. Constatamos que a ilustração destes caracteres remete por vezes para a evocação de modelos trágicos, mas, nestes casos, o conceito de culpa é acima de tudo moral. Nero só é um Édipo pela metade, uma vez que é consciente quer a morte do pai (de que Suetónio o culpa) quer o incesto com a mãe. Apesar de Agripina ser responsabilizada pela morte de Cláudio, Nero não é propriamente um Orestes: o assassínio da mãe não tem o objectivo de vingar a morte do pai. O objectivo principal do biógrafo é demonstrar que Nero é parricida e incestuoso e que por isso merece o castigo que o acomete no final.

¹⁷³ Há quem se interrogue sobre se esta anedota, descrita em Suetónio e Dión (63.13.2), não será uma referência deformada às punições sofridas pelos cristãos em 64 d.C., que, segundo Tácito, *Ann.* 15.44.4, foram cobertos de peles de animais e dilacerados pelos cães. Vide com. de BRADLEY, K. R. 1978, 164.

4. VIDAS E DRAMA

Aludimos agora ao teatro do próprio biógrafo. Neste capítulo, veremos como Suetónio utiliza elementos dramáticos, trágicos ou cómicos, sobretudo no que diz respeito à caracterização do período de governação de cada imperador, a parte central das *Vidas*. Através da distorção, o biógrafo afasta-se frequentemente do âmbito dos factos e entra no domínio da ficção. Contribui para isso o facto de seguir as versões mais romanescas: assim acontece com a sua versão do incêndio de 64 d. C., do alegado incesto de Nero, das depravações de Tibério em Cápreas, etc. Por outro lado, as *Vidas* reflectem por vezes assimilação de elementos pertencentes aos géneros dramáticos.

Há uma certa insistência do biógrafo nos logros da fortuna. O destino pode ser conhecido por meio de sinais mais ou menos cifrados. Daí que sonhos e prodígios apareçam ao lado de factos históricos. Além disso, a progressão que se gera na maior parte das *Vidas* organiza-se em função de um desenlace, que parece ter um efeito catártico. A progressão gera-se com base na gradação das características do *ethos*. Assim, a catarse irá resultar do prémio ou castigo do imperador, de acordo com o seu carácter. Outro elemento presente é a deformação cómica. Usados com intuítos éticos, os recursos próprios da comédia permitem desautorizar ou ridiculizar um imperador ou, pelo contrário, simplesmente atenuar um vício.

4.1. As voltas da Fortuna e suas consequências biográficas

Um dos elementos que remete para o ambiente dramático é a presença constante do destino, que se manifesta de diversas maneiras. Os próprios Césares são avaliados também pela forma como prestam ou não atenção aos sinais divinos. Na busca das versões mais romanescas, Suetónio coloca a par de factos históricos grande quantidade de presságios. Tal insistência poderá dever-se à própria crença do biógrafo¹ e à mentalidade da época, mas parece também explicar-se por critérios biográficos. A biografia ocupa-se de homens excepcionais, aos quais foram concedidos grandes destinos. Neste sentido, a biografia afasta-se do domínio da história, para se aproximar do mundo da tragédia.

Dado que se trata de descrever figuras e acontecimentos históricos, o papel que é dado à Fortuna implica um visão fatalista da progressão dos tempos. A queda de Galba é directamente associada à perda do favor da Fortuna, que se manifesta através de um sonho pressago (*Gal.* 18.2.). Também Augusto, afortunado na vida pública, foi, na vida familiar, uma vítima da Fortuna, que lhe defraudou a alegria e a esperança na descendência e na disciplina da casa,²

¹ Uma “credulidade” que contrasta com o cepticismo de Tácito, como procura demonstrar GASCOU, J. 1984, 444-450.

² *Aug.* 65.1: *Sed laetum eum atque fidentem et subole et disciplina domus Fortuna destituit.* A mesma ideia em Tácito, *Ann.* 3.24.2.

com o opróbrio da filha e da neta, as duas Júlias, a quem se viu obrigado a exilar, e a morte dos netos. As leis moralizadoras que promulgara (*Aug.* 34) são infringidas na sua própria família. Mas, ao referir os desmandos de Júlia, Suetónio não explora a questão política da desobediência a leis, que Augusto impusera com grande oposição:³ prefere colocar a tónica no carácter dramático do sofrimento de um pai incapaz de suportar a desonra dos filhos:

Aliquando autem patientius mortem quam dedecora suorum tulit. Nam C. Lucique casu non adeo fractus, de filia absens ac libello per quaestorem recitato notum senatui fecit abstinuitque congressu hominum diu prae pudore, etiam de necanda deliberavit. Certe cum sub idem tempus una ex consciis liberta Phoebe suspendio uitam finisset, 'maluisse se' ait 'Phoebes patrem fuisse'.⁴

«Suportava bem melhor a morte dos seus do que o opróbrio. De facto, a tragédia de Gaio e de Lúcio não o quebrou tanto; sobre a filha, informou o senado sem comparecer e serviu-se de um libelo lido por um questor e longo tempo se absteve, por vergonha, do convívio dos homens; e chegou mesmo a ponderar a morte dela. Certo é que, pela mesma altura, como uma das cúmplices, a liberta Febe, pôs termo à vida por enforcamento, ele declarou que 'teria preferido ser o pai de Febe'».

O mesmo acontece com a *abducatio* e exílio de Agripa, filho póstumo de Agripa e de Júlia, pouco tempo antes adoptado por Augusto, juntamente com Tibério.⁵ O biógrafo acentua as sanções de carácter moralizante: a Júlia, no desterro, Augusto proibiu-lhe o vinho, as roupas elegantes e o contacto, sem autorização, com qualquer homem; e nunca mais levantou totalmente o desterro; perante os pedidos insistentes do povo, que a amava, respondeu que «lhes desejava tais filhas e tais esposas» (*Aug.* 65.3). Se, nas suas motivações, o exílio da filha não fica esclarecido, muito menos o da neta, que, inclusive, se vê impedida de reconhecer e educar o filho que lhe nasceu depois da condenação:⁶ permanece o mistério desta tripla tragédia. O facto de Suetónio,

³ Cf. *Aug.* 34.1. Quanto a uma possível teoria da conspiração, SOUTHERN, P. 1998, 179, não acredita que Júlia fosse castigada por estar envolvida, juntamente com os amantes, numa conjura contra Augusto, mas pela questão moral. De opinião contrária se mostra NÉRAUDAU, 1996, 227-231, pois Júlia reunia à sua volta um grupo de potenciais agitadores, entre os quais, Julio António, filho sobrevivente de António e Fúlvia, que foi depois condenado à morte.

⁴ *Aug.* 65.2. Suetónio não presta atenção às acções das mulheres em si mesmas, não discute a veracidade das afirmações nem condena os comportamentos; neste caso, está simplesmente interessado nas reacções de Augusto; vide VIDÉN, G. 1993, 85.

⁵ *Aug.* 65.1 e 65.4. Sobre o âmbito jurídico da *abducatio*, vide LEVICK, B. M. 1972, 674-697. O exílio de Agripa e a excessiva segurança com que foi guardado ficaram envoltos em mistério. Se houve conspiração, não ficou provada: nenhum dos contemporâneos de Augusto parece conhecer a verdade, como refere SOUTHERN, P. 1998, 186 (e n. 7 p. 253-254). Mas Lúcio Audásio e Asínio Epicado tinham um plano para a evasão de Agripa e Júlia e para os apresentar aos exércitos (*Aug.* 19.2): uma possível intentona a que talvez Escríbónia não fosse alheia, segundo NÉRAUDAU, J.-P. 1996, 250.

⁶ *Aug.* 65.4. Graves seriam as acusações para suportar os rigores do exílio durante os vinte anos que refere Tácito, *Ann.* 4.71.4. O marido, Lúcio Emílio Paulo, foi acusado de conspiração

por força da exposição *per species*, tratar em conjunto os três destinos contribui para aumentar o *pathos*. E, ao terminar o quadro, o biógrafo coloca, perante os olhos do leitor, a infelicidade de um pai, que expressa, por meio de um verso de Homero habilmente modificado,⁷ o desgosto de ter tais descendentes (as duas Júlias e Agripa), cruamente aplidados de ‘pústulas’ e ‘cancros’. Estes infortúnios ganham mais relevo na medida em que têm consequências no decurso da história: interferem com as intenções dinásticas de Augusto; vão levar à escolha de Tibério como sucessor – uma partida da Fortuna patente no próprio testamento do fundador do principado.⁸

No que respeita a Tibério, também duas tragédias – a morte de Germânico e a de Druso – são apontadas como possível causa da sua retirada para a Campânia:⁹ acaso uma tentativa de explicar o pendor taciturno do sucessor de Augusto. De resto, o carácter parece ser a causa do infortúnio que marca Tibério (*Tib.* 67). No final desta *Vida*, o biógrafo, pela selecção que faz das palavras do próprio, apresenta um imperador amargurado consigo mesmo. Um excerto transcrito de uma carta ao senado revela um espírito perturbado: ‘*Quid scribam uobis, p. c., aut quo modo scribam, aut quid omnino non scribam hoc tempore, dii me deaque peius perdant quam cotidie perire sentio, si scio*’¹⁰ («Que vos hei-de escrever, senadores, ou como vos hei-de escrever, ou o que é que de modo nenhum vos hei-de escrever nesta altura, se eu faço alguma ideia, deuses e deusas me destruam mais do que dia a dia me sinto morrer»).

O infortúnio manifesta-se também em grandes calamidades. Aos desmandos de Nero juntam-se catástrofes apresentadas como fortuitas, mas que subtilmente são dispostas de modo a acentuar o descrédito do imperador: uma peste, uma derrota na Britânia e uma *ignominia* no Oriente, com a submissão das legiões ao jugo, e quase a perda da Síria.¹¹ São obra da *mala fortuna*, resultado

(*Aug.* 19.1) e não se lhe conhece o destino; a filha dela, Emília Lépida, casada com Cláudio, foi repudiada ainda virgem, *quod parentes eius Augustum offenderant* (*Cl.* 26. 1), mas não se especifica o tipo de ofensa.

⁷ O verso, *Il.* 3.40, ‘αἴθ’ ὄφελος ἄγονός τ’ ἔμειναι ἄγαμός τ’ ἀπολέσθαι’ («Quem dera que não tivesses nascido ou tivesses morrido sem tomar mulher») – palavras de Heitor a Páris – é transformado por Augusto em ‘αἴθ’ ὄφελον ἄγαμός τ’ ἔμειναι ἄγονός τ’ ἀπολέσθαι’ («Quem dera que eu tivesse permanecido solteiro ou tivesse morrido sem ter gerado filhos!»). Vide BERTHET, J. F. 1978, 317-318.

⁸ *Tib.* 23: *Testamenti initium fuit ‘quoniam atrox fortuna Gaium et Lucium filios mihi eripuit, Tiberius Caesar mihi ex parte dimidia et sextante heres esto’. Quo et ipso aucta suspicio est opinantium successorem ascitum eum necessitate magis quam iudicio, quando ita praefari non abstinerit.*

⁹ *Tib.* 39. É pouco provável que fosse esta a causa, uma vez que Germânico morreu em 19 e Druso em 23. Ora esta partida para a Campânia acontece em 26. Nesta fase Suetónio ainda apresenta Tibério a uma luz favorável; mais tarde (*Tib.* 51.1) apresentará outra razão para a partida; vide GASCOU, J. 1984, 362-364.

¹⁰ *Tib.* 67.1; cf. Tácito, *Ann.* 6.6. Trata-se de uma carta para dissuadir o senado de condenar Cota Messalino (cf. *Ann.* 6.5.2). Mas Tibério gostava de brincar com o senado, como sugere LEVICK, B. 1999a, 201-202. Uma comparação estilística do texto de Suetónio com o de Tácito pode ler-se em MONTI, S. 1953, 141-144.

¹¹ A ordem de apresentação dos desastres é outra que, não a cronológica: o primeiro ocorreu em 65; o segundo provavelmente em 60 e o terceiro em 62. A passagem das legiões sob o jugo é apresentada como um rumor em Tácito, *Ann.* 15.15.2, e a referência à ameaça de perda da Síria

da *infelicitas* que marca Nero desde o nascimento.¹² E a *infelicitas* do príncipe cai também sobre os súbditos. Mas a desventura é também consequência de comportamentos criminosos. O *topos* das Fúrias vingadores parece estar presente. Os tiranos de Suetónio sofrem pesadelos.¹³ A experiência onírica, da tradição épica e trágica, assume um papel de relevo em Suetónio, que, numa carta ao amigo Plínio, se mostra crente nos sonhos (*Ep.* 1.18.1). Depois de tantas atrocidades, Calígula tinha de ser perseguido pelos fantasmas da sua própria loucura. Coloca-se em cena o sofrimento de quem se sente enlouquecer, sem perder completamente a consciência do seu estado:

*Incitabatur insomnia maxime; neque enim plus quam tribus nocturnis horis quiescebat ac ne iis quidem placida quiete, sed pauida miris rerum imaginibus, ut qui inter ceteras pelagi quondam speciem conloquentem secum uidere uisus sit. Ideoque magna parte noctis uigiliae cubandique taedio nunc toro residens, nunc per longissimas porticus uagus inuocare identidem atque expectare lucem consuerat.*¹⁴

«Era atormentado ao máximo pela insónia; e não conseguia dormir mais de três horas por noite. Mesmo durante esse tempo, o repouso não era tranquilo, antes aterrado por estranhas visões, ao ponto de, entre outras, lhe parecer, certa vez, que via o espectro do mar a falar com ele. Assim, grande parte da noite, farto de estar acordado e de estar deitado, ora sentado na cama, ora vagueando por intermináveis pórticos, costumava continuamente invocar e esperar o dia».

O texto é expressivo devido à riqueza da adjectivação e ao jogo de contrastes, que consegue transmitir a angústia de um espírito agitado que anseia pela aurora. Este contraste começa por ser sugerido, logo no início, pelas formas verbais e depois, em quiasmo, pelos adjectivos: *Incitabatur ... quiescebat / placida ... pauida*. Há um jogo de contrastes em *insomnia... quiete; uigiliae cubandique; residens... uagus; toro... porticus*. A ansiedade da espera é sugerida por *taedio... inuocare... expectare*, mas também pelo superlativo *longissimas*, que, embora se ligue a *porticus*, é mentalmente associado à *magna pars noctis*, expressando assim perfeitamente a extensão do tempo psicológico de quem está ansiosamente à espera.

A conexão trágica é mais nítida no que se refere ao matricídio de Nero. Este é um ser contaminado. Como Orestes e Alcmeón, Nero será perseguido pelas Erinias vingadoras. É ele próprio a reconhecer a transposição dos fantasmas da peça para a sua vida:¹⁵

é infundada. Vide com. de BRADLEY, K. R. 1978, 237; com. de WARMINGTON, B. H. 1999, 74.

¹² Como afirma, no seu com., BRADLEY, K. R. 1978, 15, 46, 236 e 248.

¹³ Cf. *Jul.* 45.1; *Nero* 46.1; *Gal.* 18.2; *Dom.* 15.3; exceptua-se Vitélio. Vide intr. ao com. de WARDLE, D. 1994, 73 e com. 332. Mas Vitélio insere-se num período de transição e não terá igual tratamento da parte do biógrafo.

¹⁴ *Cal.* 50.3. Camus, *Caligula* I, 11. MARTIN, R. 1991, 104-105, fala de um desregramento na vida de Calígula que o leva a confundir a noite com o dia, como acontece quando convoca os senadores a meio da noite para assistirem à sua dança (*Cal.* 54.2). Para CEAUSESCU, P. 1973, 277, este passo reflecte a ligação de Calígula ao culto de Ísis.

¹⁵ Vide MARTIN, R. 1991, 264.

em *O monge de Cister* de Herculano, a macabra vingança *post mortem* de um liberto de Patrício Neroniano (também liberto de Nero): compra a cabeça por cem moedas de ouro e atira-a simbolicamente para o lugar onde o seu patrono fora morto por ordem de Galba. Os erros da cabeça terminam finalmente com a sua reunião ao resto do corpo, na sepultura, por caridade do *dispensator* Argivo.⁷⁵

Tal como acontecera com Nero, a descrição pessoal de Galba vem depois da morte, na sequência das referências à aparência durante os ultrajes dos soldados à cabeça de Galba, como que para explicar a razão da troca. Com efeito, o seu aspecto físico é o de um homem já idoso, a altura em que foi imperador.⁷⁶ A decrepitude física pode sugerir, no campo mental, a senilidade, que explicaria as incongruências no governo de quem fora outrora um bom general.

No relato da morte de Vitélio continua a *indignitas* que dominara toda a *Vida*: o aviltamento é uma constante. A sua falta de coragem leva-o a actos covardes e ímpios. Perante a revolta dos exércitos, tenta conservar a dedicação e o favor com exageradas liberalidades (*Vit.* 15.1). Suetónio faz referências breves e genéricas às actividades militares, ultrapassando factos importantes, como a segunda batalha de Betríaco,⁷⁷ para se centrar nas reacções de Vitélio, reveladoras do seu carácter. Derrotado em todas as frentes pelos partidários de Vespasiano, Vitélio procura salvar a vida e o dinheiro.

O biógrafo atribui a Vitélio três tentativas desesperadas de abdicar, sem que os soldados e o povo lho permitam. O imperador vê-se obrigado a arcar com as responsabilidades que quer rejeitar. Primeiro, nos degraus do palácio, proclama, diante de grande multidão de soldados, que cede o *imperium* que recebera contra a vontade. Perante os protestos dos soldados, adia a decisão e repete a declaração no dia seguinte nos *rostra*, *sordidatus*, em sinal de luto, e com abundantes lágrimas.⁷⁸ Depois de novos protestos dos soldados e do povo, recobra a coragem, mas comete um acto covarde e outro ímpio, pelos quais Suetónio, ao contrário de Tácito, o responsabiliza totalmente: aproveita o clima de segurança de que gozavam os partidários dos Flávios (devido certamente às declarações de abdicação), ataca-os subitamente, como que à traição, empurra-os para o Capitólio e aniquila-os, depois de incendiar o templo de

⁷⁵ *Gal.* 20.2. O horror dos pormenores contrasta com a sobriedade de Tácito, *Hist.* 1.41.3 e 1.49.1, que não hesita em suprimir pormenores sórdidos. Plutarco, *Gal.* 27.3, fala da dificuldade de segurar a cabeça devido à calvície e do seu transporte no manto, mas só Suetónio refere a introdução do polegar na boca. Díon Cássio, 64.6.5^a, alude genericamente à decapitação de várias vítimas. Vide intr. ao com. de MURISON, Ch. L. 1992, xi

⁷⁶ *Gal.* 21. Facto que o torna objecto de troca e rejeição para os Romanos, habituados à juventude de Nero, e que o leva a adoptar Pisão; vide MARTIN, R. 1991, 81-82.

⁷⁷ Cf. Tácito, *Hist.* 3.55ss. O biógrafo não menciona também a destruição de Cremona. Vide VENINI, P. 1974, 1012; com. ID. 1977, 5.

⁷⁸ *Vit.* 15.2. Tácito, *Hist.* 3.67.2ss, aqui só refere uma tentativa de abdicação. *Sordidatus* corresponde à *pullus amictus* indicada por Tácito.

Júpiter Máximo.⁷⁹ Para agravar a impiedade, contempla a refrega e o incêndio do palácio de Tibério, no meio de um banquete. Mais um motivo para a morte de Vitélio aparecer como um castigo dos deuses.⁸⁰ A semelhança com Nero é manifesta, na autoria e na contemplação do incêndio. Mas diverge a atitude, coerente com as preferências de cada um: Nero canta e toca, Vitélio, de acordo com a sua gula, come. O biógrafo não só lhe imputa tal crime, como diz que ele lança a culpa sobre outros. A atitude de Vitélio, na sua terceira tentativa de abdicar, é verdadeiramente teatral, com sabor a hipocrisia. O motivo do punhal regressa:

Non multo post paenitens facti et in alios culpam conferens uocata contione iurauit coegitque iurare et ceteros nihil sibi antiquius quiete publica fore. Tunc solutum a latere pugionem consuli primum, deinde illo recusante magistratibus ac mox senatoribus singulis porrigens, nullo recipiente, quasi in aede Concordiae positurus abscessit. Sed quibusdam adclamantibus 'ipsum esse Concordiam', rediit nec solum retinere se ferrum affirmauit, uerum etiam Concordiae recipere cognomen (Vit. 15.3-4).

«Não muito depois, arrependido do acto e querendo lançar a culpa sobre outros, depois de convocar a assembleia, jurou e fez jurar também os presentes de que a nada dariam maior importância do que à tranquilidade pública. Então, retirou o punhal que lhe pendia do lado, estendeu-o primeiro ao cônsul, depois, perante a recusa deste, aos magistrados e logo a cada um dos senadores. Como nenhum o aceitava, retirou-se, como se estivesse disposto a colocá-lo no templo da Concórdia. Mas, como alguns se puseram a clamar que 'ele mesmo era a Concórdia', regressou e não só disse que mantinha em seu poder o ferro, mas que também tomava o cognome de Concórdia».

O acto de entregar o punhal, símbolo do poder de dar a morte, representa a tentativa de devolver o poder às instituições republicanas do Estado.⁸¹ O facto de o reter – Tácito diz que ele saiu decidido a depositá-lo no templo

⁷⁹ Vit. 15.3. Em Flávio Josefo, *BJ* 4.645, a iniciativa parte dos flavianos. Também segundo Tácito, *Hist.* 3.69-71, são os partidários dos Flávios, comandados por Sabino, irmão de Vespasiano, que decidem ocupar o Capitólio, como medida de segurança (3.69). O ataque ao Capitólio parece mais uma iniciativa acéfala dos soldados, da qual Vitélio se demarca, dizendo que já não era imperador; e chega mesmo a proteger o mensageiro, Cornélio Marcial, enviado por Flávio Sabino (3.70.4). Também para o incêndio, Tácito apresenta duas versões: uma que seriam os atacantes a incendiar os *tecta*, e outra, mais acreditada, que seriam os próprios sitiados (3.71.4). Os sitiados são mortos contra o parecer de Vitélio (3.74.2). Além da simpatia por Otão e consequente antipatia pelo sucessor e do possível efeito da propaganda flavia, o biógrafo segue a tendência habitual de concentração dos factos sobre o protagonista da biografia; vide VENINI, P. 1974, 993-994, e com. ID. 1977, 138.

⁸⁰ Como afirma CIZEK, E. 1975, 128-129.

⁸¹ A entrega do punhal significava abdicar do poder, como notam Tácito, *Hist.* 3.68.2 e Dión Cássio 65.16.6. Este punhal representa, no dizer de Tácito, *uelut ius necis uitaeque ciuium*. Vitélio queria trazer a paz civil, abandonando o símbolo da *libertas* conquistado pela força; e o retorno à Concórdia marcaria o fim da legitimidade do assassinio de cidadãos. A resposta dos cidadãos, de que Vitélio era a Concórdia, tinha, segundo POULLE, B. 1997, 251, um duplo sentido: por um lado, era adulatoria (Vitélio encarnava a paz civil); por outro, sugeria que o imperador devia depositar o punhal em si mesmo, isto é, suicidar-se.

– aparece implicitamente como um erro: Vitélio retém, com ele, o perigo de ser morto. Se tivesse renunciado ao punhal, poderia ter evitado maior desastre para o Estado. Otão teve o mérito de o usar em si mesmo – coragem e nobreza que Vitélio não terá. Torna-se irónico que um imperador, como o biógrafo o apresenta, assuma o cognome de Concórdia – e só Suetónio refere este acto.

As atitudes indignas proliferam. Perante a aproximação do inimigo, foge para o Aventino, escondido numa liteira – fuga que parece ser uma paródia da de Nero para casa de Fáon. Vitélio tinha então por única e significativa companhia um padeiro e um cozinheiro (cuja presença nos recorda a sua gula) e oculta-se na casa paterna, de onde, depois, pensava fugir para a Campânia. Rumores de que se concertara a paz fazem-no regressar ao palácio. Ao encontrar o lugar deserto, cinge o corpo com um cinto de moedas de ouro e barricada-se, indignamente para um imperador, na pequena cela do porteiro, depois de prender um cão diante da entrada e de colocar um leito e um colchão contra a porta.⁸² O opróbrio é mais grave quando, depois de descoberto, mente para ocultar a sua identidade. A cena do linchamento popular é aviltante:

*Deinde agnitus rogare non destitit, quasi quaedam de salute Vespasiani dicturus, ut custodiretur interim uel in carcere, donec religatis post terga manibus, iniecto ceruicibus laqueo, ueste discissa seminudus in forum tractus est inter magna rerum uerborumque ludibria per totum uiae Sacrae spatium, reducto coma capite, ceu noxii solent, atque etiam mento mucrone gladii subrecto, ut uisendam praeberet faciem neue summitteret; quibusdam stercore et caeno incessantibus, aliis incendiarium et patinarium uociferantibus, parte uulgi etiam corporis uitia exprobrante.*⁸³

«Depois de o reconhecerem, não deixou de rogar, a pretexto de ter revelações a fazer sobre a segurança de Vespasiano, que o guardassem entretanto, nem que fosse no cárcere. Até que, de mãos atadas atrás das costas, com um laço apertado ao pescoço, com as roupas rasgadas, foi arrastado para o foro, no meio de grandes ultrajes por actos e palavras, ao longo de toda a Via Sacra: puxaram-lhe a cabeça para trás pelos cabelos, como se costuma fazer aos criminosos, e ainda lhe mantiveram o queixo levantado com a ponta de um gládio, para que deixasse ver a cara e não a baixasse, enquanto alguns lhe atiravam esterco e lama, outros lhe gritavam os apelidos de incendiário e alarve; parte do povo até lhe censurava os defeitos do corpo».

Trata-se de uma cena viva, na qual o biógrafo, para acentuar a degradação

⁸² *Vit.* 16.1. Cf. Tácito, *Hist.* 3.84.4. Quanto à *paterna domus* do Aventino, Suetónio parece corrigir Tácito, que diz que se tratava da *domus uxoris*. Em relação ao sórdido refúgio, Dion Cássio, 65. 20.1, refere mesmo que foi mordido pelos cães. Pelo contrário, Tácito é mais vago: *pudefenda latebra*; vide DELLA CORTE, F. 1967, 133. n. 85.

⁸³ *Vit.* 17.1-2. Cf. Tácito, *Hist.* 3.84.5-85. Suetónio não menciona a tentativa de um soldado da Germânia o tentar matar rapidamente (ou talvez atacar o tribuno), nem a última *uox* de Vitélio que lhe daria alguma dignidade: aos insultos de um tribuno responde que, apesar de tudo, fora seu *imperator* (cf. Dion Cássio, 65.21.2). Tácito censura a vileza da multidão: *Et uolgus eadem prauitate insectabatur interfectum qua fouerat uiuentem*. Vide MARTIN, R. 1991, 380-385.

de Vitélio, concentra grande quantidade de informação realista. Muito apropriadamente se introduz a descrição física, inserida na narrativa da morte a partir da menção dos insultos populares, que expõem defeitos humilhantes,⁸⁴ resultado dos prazeres da mesa.⁸⁵ É, como veremos à frente, um retrato mais grotesco do que o de Cláudio, o qual ainda apresentava aspectos positivos. Assim, a execução pública de Vitélio transforma-se também no castigo da sua gula. A perna aleijada recorda o seu gosto pelas corridas do circo e, através deste desporto, a associação a Calígula.

Depois da descrição física, segue-se a execução junto às Gemónias, o local destinado aos mais vis criminosos. Foi torturado até à morte (*minutissimis ictibus excarnificatus*) e, derradeira humilhação, foi arrastado com um gancho para o Tibre, o maior insulto que se podia fazer a um condenado morto: o castigo que o povo chegara a propor para o corpo de Tibério. Fica mais uma vez patente o gosto de Suetónio pelos pormenores mórbidos. O dramatismo da morte é ainda acentuado pelo facto de o biógrafo salientar que pereceu com o irmão e o filho, estabelecendo, para o caso do segundo, uma falsa coincidência.⁸⁶

Esta é a morte mais humilhante das *Vidas dos Césares*, em oposição radical à dignidade do fim de Otão. O biógrafo parece sugerir que se trata de um castigo dos deuses.⁸⁷ Se pensarmos nas impiedades apontadas por Suetónio a Vitélio – espoliou os templos durante os cargos administrativos, matou o filho, proferiu palavras ímpias e bebeu em presença de cadáveres de cidadãos, matou, segundo Suetónio, a própria mãe, assumiu o pontificado máximo num dia infausto, não resistia a retirar a comida do lume durante os sacrifícios, banqueteu-se ao contemplar o incêndio no templo de Júpiter Máximo, conservou o punhal que decidira depositar no templo da Concórdia – parece lógico que tal morte corresponda a uma punição divina.⁸⁸ E, em final absoluto, figura a interpretação de um presságio conectado com a morte deste imperador (*Vit.* 18). Mas, ao passo que os presságios finais da *Vida* de Cláudio abonam em favor do retrato do biografado, o presságio do galo (*Vit.* 9;18) que salta para a cabeça de Vitélio, de modo algum compatível com a dignidade imperial, contribui para o efeito do ridículo. Segundo a leitura que foi feita, Vitélio pereceria às mãos de um natural da Gália (António Primo).

Com um castigo dos deuses põe o biógrafo termo a um ciclo atroz de guerra civil, em que as divindades tiveram um papel especial: os três imperadores (Galba, Otão, Vitélio) aparecem como joguetes oprimidos ao mesmo tempo pela culpa pessoal. O biógrafo expõe, assim, uma visão trágica deste período

⁸⁴ Vide NEWBOLD, R. F. 1984, 120.

⁸⁵ Vide MARTIN, R. 1991, 215-216.

⁸⁶ *Vit.* 18. O filho de Vitélio não morreu ao mesmo tempo que o pai, mas mais tarde, como se lê em Tácito, *Hist.* 4.80. E mesmo o irmão terá perecido um ou dois dias depois. Vide GASCOU, J. 1984, 322 n. 18.

⁸⁷ Assim pensa CIZEK, E. 1975, 125-130. Tácito, pelo contrário, não associa a morte de Vitélio a nenhum presságio divino.

⁸⁸ CIZEK, E. 1975, 129, diz mesmo que a morte ignóbil de Vitélio é o ponto de partida para a descrição da vida odiosa que Suetónio nos oferece deste imperador: esta morte oferece ao biógrafo o meio, dir-se-ia a obrigação, de o incriminar constantemente e de o tornar desprezível.

saturado de vinganças dos deuses e dos homens.

No que respeita a Domiciano, Suetónio inicia o relato da catástrofe de forma semelhante à parte correspondente das *Vidas* de Calígula e Nero: *Per haec terribilis cunctis et inuisus, tandem oppressus est <...> amicorum libertorumque intimatorum simul et uxoris*⁸⁹ («Com tais atitudes, tornou-se objecto de terror e de ódio para todos e acabou por ser morto numa conjugação de esforços dos amigos e libertos mais chegados e até da mulher»). Como fizera com César, Calígula e Nero, Suetónio sublinha a noção de culpa-castigo na medida em que estabelece íntima relação entre os crimes do príncipe e a sua morte.⁹⁰ Fica patente a solidão do tirano, odiado por todos – e, neste aspecto, evidencia-se o paralelismo com Tibério.⁹¹ Na narrativa da morte de Domiciano gera-se um suspense dramático pela presença de um destino inexorável: “Um homem está só e sabe que vai morrer”.⁹² A tragédia de Domiciano joga-se entre conhecimento (sob a forma de suspeita) e desconhecimento. Conhecimento, porque *Annum diemque ultimum uitae iam pridem suspectum habebat, horam etiam nec non et genus mortis* («Já muito antes suspeitava qual seria o ano e o dia e até a hora e não menos o tipo de morte»). Esta precognição provinha-lhe dos astrólogos (*Chaldaei*) e do próprio pai. Vespasiano troçara do facto de Domiciano se abster de cogumelos, quando devia temer antes o ferro.⁹³ Por outro lado, desconhecimento, porque Domiciano não fazia ideia de onde e de quem viria a traição. Assim a tragédia desenrola-se também entre a aproximação inexorável do momento da morte e a tentativa, vã, de o evitar.

O *topos* do medo em que vive o tirano é elemento constante no desenrolar desta trama. O conhecimento da hora da morte gera terror, à medida que se aproxima o momento: *Quare pauidus semper atque anxius minimis etiam suspicionibus praeter modum commouebatur*⁹⁴ («Por isso, sempre cheio de medo e ansioso, à mínima suspeita ficava sobremodo abalado»). Suetónio salienta, como no caso de Calígula (*Cal.* 51.1), a explicação psicológica para os actos do imperador, que age e reage em função do medo e da superstição, pelo crédito dado aos astrólogos.⁹⁵ É à luz do medo, causado pelos versos de um libelo

⁸⁹ *Dom.* 14.1. É notável o paralelismo com as *Vidas* de Calígula e de Nero: *Ita bacchantem atque grassantem non defuit plerisque animus adoriri* (*Cal.* 56.1); *Talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit* (*Nero* 40.1). Vide CROISILLE, J. M. 1970, 78 n. 5. Díon Cássio, 67.15.1-2, refere os nomes dos implicados na conjura.

⁹⁰ Vide GASCOU, J. 1984, 790.

⁹¹ Cf. *Tib.* 63.1: *Quam inter haec non modo inuisus ac detestabilis, sed praetrepidus quoque atque etiam contumeliis obnoxius uixerit, multa indicia sunt*. MARTIN, R. 1991, 323, aproxima o ódio a Domiciano do ódio expresso nas reacções à morte de Tibério.

⁹² Assim o define PIMENTEL, M. C. 1993, 94-102.

⁹³ *Dom.* 14.1. O tema tradicional do tirano inquieto e desconfiado (cf. Plínio, *Pan.* 49; 82) recebe um novo tratamento: o fundamento desta apreensão doentia reside nas predições astrológicas, como afirma BRIND'AMOUR, P. 1981, 338-344.

⁹⁴ *Dom.* 14.2. Já atrás se disse que o medo o tornou cruel (*Dom.* 3.2).

⁹⁵ O desprezo dos cultos pátrios, acompanhado do crédito dado a cultos estrangeiros e aos astrólogos, é apanágio dos maus imperadores. Vide DELLA CORTE, F. 1967, 73; MARTIN, R. 1991, 342-343.

(em que o imperador era associado ao bode imolado a Baco), que o biógrafo interpreta a não aplicação do edicto que ordenava o corte das vinhas, medida arrolada atrás entre as positivas,⁹⁶ e a recusa (motivada, explicitamente, por *Eadem formidine* ...) de uma honra nova, oferecida pelo senado, que consistia em incluir, no habitual séquito dos *lictors* e dos *apparitores*, cavaleiros romanos vestidos com a *trabea* (toga ornada com bandas ou listras de púrpura) e armados de lança, sempre que exercesse o consulado embora desejasse muito tais distinções (*Dom.* 14.3).

Suetónio procura sugerir o aumento da ansiedade com o aproximar do dia fatídico: *Tempore uero suspecti periculi appropinquante sollicitior in dies porticum, in quibus spatari consuerat, parietes phengite lapide distinxit, e cuius splendore per imagines quidquid a tergo fieret prouideret* (*Dom.* 14.4) («Mais inquieto de dia para dia, à medida que se aproximava a data do suspeitado perigo, ornou as paredes dos pórticos, pelos quais costumava passear, com placas de fengite, que lhe permitiam ver o que se passava atrás das costas»). Acossado pelo medo, torna-se extremamente desconfiado – interroga os prisioneiros a sós, em lugar secreto e segurando nas mãos as cadeias.⁹⁷ É neste contexto que condena Epafrodito, suspeito de ter ajudado Nero a suicidar-se (*Nero* 49.3), para desencorajar tais ousadias.

O crime que precipitou o assassínio do imperador foi a execução, repentina e fundada numa suspeita assaz ligeira, do primo direito e cônsul em exercício Flávio Clemente, cujos dois filhos Domiciano tinha designado como sucessores. O imperador, querendo evitar o destino, contribui para o apressar.⁹⁸ Na sequência desta morte (*continuis octo mensibus*...), se narra uma série de prodígios, onde é manifesta a cólera dos deuses.⁹⁹ Domiciano, que não fora beneficiado com prodígios favoráveis anunciadores do império (afortunados foram somente os presságios do fracasso da revolta militar de Saturnino: *Dom.* 6.2), torna-se agora alvo de sinais funestos. Nesses oito meses seguintes, ocorreram tantos trovões que Domiciano exclamou: *feriat iam, quem uolet*¹⁰⁰ («Pois que atinja lá a quem quiser!»). E a sugerir causa-efeito,

⁹⁶ *Dom.* 14.2; cf. *Dom.* 7.2. Vide Gascoü, J. 1984, 373.

⁹⁷ Díon Cássio, 67.12.5, conta o mesmo facto e acrescenta que os interrogava sozinho para evitar que outros conhecessem o conteúdo da conversa.

⁹⁸ *Quo maxime facto maturauit sibi exitium* (*Dom.* 15.1). Cf. Díon Cássio 67.14.1. Flávio Clemente foi *consul ordinarius* nos primeiros quatro meses de 95. Dado que foi executado na última parte do ano, seria a rigor, ex-cônsul, como sugere, no seu com., GALLI, F. 1991, 92-93. Díon afirma que Flávio Clemente foi acusado de ateísmo, como muitos convertidos ao judaísmo e que a esposa, Flávia Domitila, sobrinha do imperador, foi exilada na ilha de Pandatária. Não é impossível que a *contemptissima inertia*, censurada por Suetónio, se refira à ausência de sacrifícios oficiais às divindades pagãs. KERESZTES, P. 1973, 1-28, procura demonstrar que Flávio Clemente e a esposa eram judeus prosélitos e não cristãos. Pelo contrário, PERGOLA, Ph. 1978, 407-423, procura evidenciar, com provas arqueológicas, a forte possibilidade de serem cristãos. Talvez a verdade nem mesmo dos contemporâneos dele fosse conhecida, como nota SOUTHERN, P. 1997, 115.

⁹⁹ Vide Gascoü, J. 1984, 790.

¹⁰⁰ Também Calígula lança palavras de desafio a Júpiter (*Cal.* 22.4). MARTIN, R. 1991, 343-344, sugere que Domiciano manifestava, nos últimos tempos, sinais de paranóia delirante.

o biógrafo acrescenta que foram atingidos pelo raio (*tactum de caelo*), como outrora o templo dos Césares (*Gal.1*), o Capitólio, o templo da gens Flávia, o palácio do Palatino e o próprio quarto do imperador; e uma tempestade violenta arrancou uma inscrição de uma estátua triunfal de Domiciano e lançou-a sobre um sepulcro próximo. Como o loureiro que secura pelo ocaso de Nero (*Gal. 1*), também o cipreste que se reerguera, quando Vespasiano era um cidadão privado (*Vés. 5.4*), abateu-se de novo subitamente: a queda de Domiciano representa, como a de Nero, a queda de uma dinastia.¹⁰¹ A Fortuna de Preneste, a quem Domiciano encomendava sortes cada novo ano e que sempre lhe fora favorável, dera no último ano um oráculo funesto, com menção de sangue.¹⁰² Como a Fortuna de Galba (*Gal. 18.2*), a divindade por quem Domiciano tinha grande veneração, Minerva,¹⁰³ aparece-lhe em sonhos a dizer que lhe não pode conceder mais protecção, porque Júpiter a desarmou. No auge dos prodígios, figura um relato impressionante, que sugere o conflito entre o esforço e a impotência de Domiciano para ludibriar o destino que sobre ele impende:

Nulla tamen re perinde commotus est quam responso casuque Ascleterionis mathematici. Hunc delatum nec infitiantem iactasse se quae prouidisset ex arte, sciscitatus est, quis ipsum maneret exitus; et affirmantem fore ut breui laceraretur a canibus, interfici quidem sine mora, sed ad coarguendam temeritatem artis sepeliri quoque accuratissime imperauit. Quod cum fieret, euenit ut repentina tempestate deiecto funere semiustum cadauer discerperent canes, idque ei cenanti a mimo Latino, qui praeteriens forte animaduerterat, inter ceteras diei fabulas referretur.¹⁰⁴

«Nenhum facto o impressionou tanto como a resposta e a desgraça do astrólogo Ascleterião. Este, que, denunciado, não negara ter divulgado as previsões derivadas da sua arte, foi interrogado acerca do fim que estava reservado para ele próprio. E, como afirmou que seria em breve dilacerado pelos cães, Domiciano mandou-o matar sem demora, mas, para demonstrar a insipiência da arte, mandou também que lhe fizessem o funeral com todo o cuidado. Enquanto tal

¹⁰¹ Vide GASCOU, J. 1984, 778.

¹⁰² *Dom. 15.2.* Também Tibério tivera problemas com este oráculo em contexto muito semelhante: *Vicina uero urbi oracula etiam dis[s]icere conatus est, sed maiestate Praenestinarum sortium territus destitit...* (*Tib. 63.1*).

¹⁰³ *Quam superstitiose colebat.* *Superstitio* exprime habitualmente em Suetónio falsas crenças, religiões alheias, práticas de magia; mas, neste caso, sugere censura do exagero e demasiada exclusividade da veneração por uma divindade do panteão, Minerva: Vide GASCOU, J. 1984, 729 n. 94. A ligação de Domiciano a Minerva (*Pallas Caesariana*) é recordada também por Marcial, 5.2.6-8; 6.10.9-12; 7.1.1-2; 8.1.4; 9.3.10. Díon Cássio, 67.16.1, dá uma versão ligeiramente diferente da de Suetónio. Segundo GIRARD, J-L, 1981, 233-245, nenhuma divindade poderia oferecer tantos traços próprios para ilustrar aspectos da personalidade e as ambições do principado de Domiciano como Minerva, terceira da tríade capitolina (como Domiciano era o terceiro dos Flávios), guerreira, vingadora implacável, terror dos inimigos, protectora das artes.

¹⁰⁴ *Dom. 15.3.* Díon Cássio, 67.16.3, diz que ele foi condenado a ser queimado vivo. Ascleterião pertenceria a um pequeno grupo de astrólogos egípcios que exercia esta actividade em Roma no primeiro século e cuja nomeada se estendia por todo o Império. Vide SIJPESTEIJN, P.J. 1990, 164-165.

se cumpria, aconteceu que uma violenta tempestade derrubou a pira e os cães despedaçaram o cadáver semicremado. E isto lhe contou ao jantar, entre outras histórias do dia, o mimo Latino que, ao passar, presenciara por acaso o facto».

O facto de a história ser colocada na boca de um mimo parece associá-la a um enredo do género teatral do mesmo nome. O tipo de peripécia parece apontar nesse sentido. Também o desfecho sangrento do mimo *Lauréolo* anunciara a morte de Calígula (*Cal.* 57.4). Poderia sugerir ainda que, tal como o destino do astrólogo, a morte de Domiciano é um mimo trágico. A história é um prenúncio terrível para o imperador: nem com a morte se pode impedir que o destino se cumpra.

O dramatismo intensifica-se com a aproximação do dia e da hora fatal: *tempus suspecti periculi* (*Dom.* 14.4). O tempo é um factor fundamental na tragédia de Domiciano, uma vez que ele suspeitava do seu *fatum*. Na verdade, a contagem decrescente já começara muito antes: Suetónio concluía a *Vida* de Vespasiano com a referência ao sonho do imperador sobre o tempo de governo da dinastia (*Ves.* 25). E, como fizera para César, o biógrafo sugere a aproximação da hora da morte de Domiciano com indicações cronológicas cada vez mais precisas: começa por se referir a uma duração de *continuis octo mensibus* (*Dom.* 15.2), para depois ir indicando espaços de tempo cada vez mais precisos: *Pridie quam periret ...; at circa mediam noctem...; dehinc mane* (*Dom.* 16.1); *horas requirenti pro quinta, quam metuebat, sexta ex industria nuntiata est* (*Dom.* 16.2). Com estas notações temporais regista as acções das últimas vinte e quatro horas do imperador. Chegado à véspera do dia fatal, o imperador, sentindo a proximidade do perigo, ao mandar guardar para o dia seguinte umas túberas que lhe ofereceram, acrescenta, com dúvida: *‘si modo uti licuerit’* («se me for permitido saboreá-las!»). A sua suspeita provém, como vimos, de conhecimentos de astrologia. Mas o biógrafo concretiza um pouco mais: coloca na boca do imperador a razão astrológica para temer aquele dia: *ad proximos affirmavit fore ut sequenti die luna se in aquario cruentaret factumque aliquod existeret, de quo loquerentur homines per terrarum orbem.*¹⁰⁵ («asseverou aos que estavam próximos que ‘aconteceria no dia seguinte que a lua se cobriria de sangue no signo de aquário e ocorreria algo de que todos os homens falaria por todo o mundo’»). Os dados da astrologia vêm assim enriquecer o enredo e aumentar a tensão, uma vez que o leitor fica a conhecer o fundamento da suspeita que provoca a angústia do imperador. A angústia é, como em casos semelhantes (Cf. *Cal.* 50.3; *Otho* 7.2), expressa pela perturbação do sono: *at circa mediam noctem ita est exterritus, ut e strato prosiliret* («e cerca da meia-noite foi de tal modo tomado pelo pavor, que saltou fora da cama»). Na manhã do fatídico dia,

¹⁰⁵ *Dom.* 16.1. Na opinião BRIND’AMOUR, P. 1981, 338-344, trata-se de um registo póstumo da vida e da morte de Domiciano, segundo uma visão da astrologia (elaborada por uma fonte competente em matéria de astronomia) que se manifesta várias vezes ao longo da vida, pelo que, nesta biografia, há uma trama astrológica que pouco a pouco conduz o imperador ao seu destino.

continua a sua luta contra o destino. O leitor, que já sabe que a traição virá dos que lhe são mais próximos, sente a angústia do imperador que desfere golpes às cegas: ouve e condena um harúspice enviado da Germânia que profetizava um golpe de estado.¹⁰⁶ A tentativa de esconjurar o mal é expressa pelas palavras de Domiciano, ao fazer sair sangue de uma verruga da fronte: *'utinam', inquit 'hactenus'* («oxalá – disse ele – seja quanto bastar!»). Mas é o dolo (*ex industria*) que vem ajudar a cumprir o destino: a traição parte de dentro de casa, dos que lhe são mais íntimos. O suspense atinge o ponto culminante: ao chegar a temida hora quinta, Domiciano pergunta as horas e dizem-lhe que é a sexta. O perigo vem quando o imperador julga passado o momento crítico. No momento em que o imperador tem a sensação de alívio, Partênio (o camareiro-mor e que se revelará cúmplice) anuncia-lhe um visitante, portador de uma notícia que não admite adiamento. A figura do mensageiro transforma-se aqui numa personagem dolosa que traz a morte. Neste momento, o imperador afasta os presentes e, sem desconfiar, recebe sozinho o assassino e é morto no quarto (*Dom.* 16.2).

Chegado a este ponto, o biógrafo introduz uma breve analepse para tratar da preparação da conjura, e inclui, no seguimento da narrativa, o relato da morte.¹⁰⁷ Se até aqui seguira o ponto de vista de Domiciano, que desconhecia os factos, Suetónio apresenta agora a perspectiva dos conjurados: a hesitação inicial sobre o momento e o género de morte (*quando et quo modo*); a identificação do até agora secreto mensageiro (Estéfano, *procurator* de Domitila),¹⁰⁸ a elaboração do plano, proposto pelo próprio (Estéfano fazia-se ver durante algum tempo com o braço esquerdo ligado, como se tivesse sofrido um acidente, e, chegado o momento, esconderia um punhal sob este aparelho); por último, o conteúdo da suposta notícia que serviria de engodo para introduzir o assassino junto do imperador (o pretexto seria a denúncia de uma conjura¹⁰⁹): o plano resulta na perfeição, porque o isco se baseia, de modo astuto, nas fraquezas de Domiciano.

Depois de toda a tensão dos momentos que antecederam a morte, a narrativa do atentado propriamente dito parece mais débil: o fim natural e esperado de um longo processo. Suetónio assume mais o seu papel de historiador e inclui duas versões, como acontece em vários relatos de assassinatos anteriores (César, Calígula, Galba). Numa primeira versão, Domiciano, atingido no baixo-ventre enquanto lia, atónito, o *libellus* da falsa denúncia, luta, mas é morto por vários conjurados que acorrem. É só no último momento, como acontece a todas

¹⁰⁶ *Dom.* 16.1. Segundo Díon, 67.16.2, chamava-se Largino Próculo; e escapou, porque a sua execução foi adiada para poder ver que o imperador escapara à sua previsão. Foi recompensado por Nerva.

¹⁰⁷ *Dom.* 17.1: *De insidiarum caedisque genere haec fere diuulgata sunt*. Cf. Díon Cássio, 67.17.1-2 e Filóstrato, *VA* 8.25. Vide MARTIN, R. 1991, 374-378.

¹⁰⁸ Esta Domitila era a sobrinha do imperador e esposa de Flávio Clemente, cuja execução precipitara a decisão de assassinar o imperador. Estéfano foi escolhido como executor, segundo Díon (loc. cit.), por ser mais forte que os outros.

¹⁰⁹ Segundo Filóstrato (loc. cit.), Estéfano sustentava que Flávio Clemente havia escapado à morte e se preparava para atacar o imperador.

as vítimas de assassinio, que o imperador fica a saber toda a verdade: mas é tarde de mais. O biógrafo nomeia os agressores, evidenciando a proximidade deles em relação ao imperador através da menção das suas funções no interior do palácio: Clodiano, oficial subalterno (*cornicularius*); Máximo, libertado do camareiro Parténio; Sátur, chefe dos criados de quarto (*decurio cubiculariorum*) e alguns gladiadores. Uma segunda versão, mais dramática, baseia-se no relato de uma testemunha ocular: *um puer*, que cuidava dos Lares do quarto, refere que Domiciano lhe pedira o punhal que estava debaixo da almofada e lhe ordenara que chamasse os guardas, mas do punhal o escravo só encontrou o cabo¹¹⁰ e achou as portas todas fechadas. Conta ainda que o imperador, depois de agarrar e prostrar Estéfano por terra, lutou longo tempo, tentando ora tirar-lhe o punhal, ora furar-lhe os olhos com os dedos dilacerados.¹¹¹ A sugestão do bode imolado a Baco – uma ameaça velada nuns versos contra o corte das vinhas, que infundiu medo no tirano (cf. *Dom.* 14.2) – contribui para aproximar esta morte do universo da tragédia.

Suetónio, ao contrário de Díon,¹¹² omite qualquer ajuda; e faz de Domiciano uma personagem solitária na morte. Tal solidão é acentuada no funeral, ou quase ausência dele. O biógrafo não deixa de notar que, em lugar de um cortejo honroso, foi levado pelos *uispillones* e na indigna *sandapila*, o caixão dos pobres.¹¹³ Os últimos cuidados são prestados ao cadáver pela ama, Fílis. Como as amas e a amante, Acte, de Nero (*Nero* 50), Fílis parece a única pessoa que sentiu verdadeiro apego pelo defunto imperador. E é também Fílis que, às escondidas (*clam*), coloca os restos mortais no templo dos Flávios, junto às cinzas de Júlia (*Dom.* 17.3. Cf. Díon, 67.18.2). A angústia solitária da vida do tirano é expresso através das próprias palavras de Domiciano, transmitidas já depois do relato da morte – considerava muito infeliz a condição dos príncipes, pois ninguém acreditava que uma conspiração fora descoberta, a menos que fossem assassinados.¹¹⁴

O matança dos tiranos, em muitos casos acompanhada sugestões de partição do cadáver, parece aproximar-se de um ritual apotropaico colectivo, semelhante a sacrifícios de animais ou a ritos arcaicos de expulsão, em que o imperador, como vítima, expia o mal da comunidade que ele próprio representa. Além de Domiciano, outros tiranos são associados a um bode: Tibério (*Tib.* 45) e Calígula (*Cal.* 50).

¹¹⁰ Segundo Díon, 67.17.1, foi Parténio quem retirou a lâmina do punhal.

¹¹¹ *Dom.* 17.2. Encontramos aqui, segundo GASCOU, J. 1984, 308 e 796, o realismo mórbido e atroz, tão ao gosto de Suetónio, presente também nas mortes de Júlio César (o braço pendente: 82.3); Tibério (na versão de Séneca, o rétor; 73.2); Calígula (58.2-3); Cláudio (pormenores sórdidos: 44.2-3); Nero (49.2-4); Galba (particularmente os insultos à cabeça: 20.2); Vitélio (17).

¹¹² Na versão de Díon e Filóstrato, o assassino é morto pelos que vieram em socorro de Domiciano.

¹¹³ Vide com. de JONES, B. W. 1996, 136; com. de JONES, B. & MILNS, R. 2002, 162.

¹¹⁴ *Dom.* 21: '*Conditionem principum miserrima*' aiebat, '*quibus de coniuratione comperta non crederetur nisi occisis*'. Palavras que, para SOUTHERN, P. 1997, 124-125, são manifestação da paranóia de Domiciano.

III. ÍNDICE ANALÍTICO

- ab epistulis* 25 n.51; 27; 49 n.104; 52 n.114.
- a bibliothecis* 27.
- abstinentia* 24 n.50; 58; 82; 88; 127; 178; 212; 231; 234; 246 n.236; 315; 358 e n.6; 368 e n.85,86,90; 369; 372; 389; 390.
- aclamação 113; 143; 150; 152 e n.78; 153 n.78; 155; 156; 167; 174; 248; 344.
- acta populi* 38 n.37.
- acta diurna* 38 n.37.
- acta Urbis* 38 n.37.
- acta senatus* 48; 168.
- adultério 26 n.56; 44; 45; 74; 75; 132 n.169; 172 e n.56; 188; 212; 218 n.94; 224 n.116; 242; 253; 256 n.272; 261; 262 n.293; 275; 324; 337; 375; 377; 389.
- aequitas* 179; 342; 374 n.175.
- afabilidade 174, 212; 245; 247; 361; vide também ‘*comitas*’, ‘*facilitas*’.
- ambição política 40; 41; 44; 97; 102; 106; 109; 116; 117; 127; 135; 136; 139; 143 n.36; 144; 174; 205; 240; 254 n.268; 276 n.27; 279; 306; 314; 319; 342; 352; 354; 359; 367 n.83; 379.
- ambitio* 370.
- ambitosus* 370 n.104.
- antiquária 33; 34 e n.11; 36; 115; 192; 371.
- antiquário(s) 33 n.7; 34; 60; 114; 265 n.302; 331; 332 n.15.
- apoteose 149; 164; 168 n.37; 209; 270 n.319; 367;
- deificação 367; 375 n.138.
- arrogantia* 181 n.105; 346 n.35; 359 e n.13; 362; 363; vide também ‘*tiraniam* e ‘*inpotentia*’.
- ars* 25 n.56; 114; 115; 163 e n.23; 164; 182 n.107; 225 n.122; 280; 293; 319; 336; 362 n.36
- astrologia 73; 208; 220; 294 e n.105.
- astrólogos 72; 205 n.24; 213; 239; 291 e n.95; 293 n.104; 300; 309 e n.165; 367 .
- a studiis* 27.
- atrocitas* 87; 222 n.112; 224; 234 n.173; 313; 364 e n.55,59,60.
- avaritia* 63; 82; 88; 90; 118; 144 n.44; 159 n.3; 178; 191; 226; 228; 236; 245 n.228; 347 n.42; 368 e n.85: 389.
- auctor* 38 n.36; 149; 166; 241; 247 n.240; 285; 360 e n.20.
- auctoritas* 38; 43; 115; 143 e n.40; 236; 342; 344; 347 n.41; 360 n.20; 354 n.51.
- auriga 35; 160; 163; 165; 185; 304; 347; 355.
- autobiografia 16; 21 e n.30,32; 22 n.37; 23 n.44; 24; 26; 43 n.70; 44 n.74; 56 n.122; 104 n.32; 167 n.34.
- biografia 15 e n.2; 16 e n.4; 17 e n.8, 9; 18 e n.14; 19 e n.16,18; 20; 21; 22; 23 e n.42,44; 24 e n.47; 25 n.51; 26 e n.60; 27; 33; 35 e n.19; 37; 41 n.60; 43; 50 n.105; 51 n.113; 52 e n.114; 55; 56 n.123; 57; 60 n.145; 61 n.148; 71; 72; 73; 77; 86; 87 e n.70; 90; 91 n.82; 96; 107; 114 n.91; 115; 123; 124 n.132; 132 n.168; 136 n.8; 147; 149; 150; 152 n.78; 154; 159 n.2; 161; 171; 182; 191 n.150; 199; 206; 210; 217 n.88; 221 n.105; 226; 240; 245 n.230; 247; 248; 249; 250; 251; 255; 267; 270; 275 n.24; 276; 284; 288 n.79; 294 n.105; 313; 317; 318; 323; 324; 329; 330; 334 n.22; 338; 339; 341; 342; 343; 345; 350; 351; 352; 358; 376; 379.
- benevolentia* 179; 247; 341 n.11.
- bondade 179; 212; 247; 369; vide também ‘*facilitas*’.
- castitas* 242; 247 n.37; 372; 377; 389.
- catarse 90; 199; 270; 271; 316; 318; 322 n.38;

cavaleiros 15; 68; 73; 99; 100; 105; 110; 119; 138; 159; 183; 212; 223; 224; 229; 258; 278; 283 n.62; 285; 292; 307 n.155; 312; 334; 336; 337; 373; 378; 389.

equites 68 e n.173; 118; 216 n.82; 255; 301 n.132.

classe equestre 249.

ordem equestre 224; 254.

cidadania 45; 102; 171; 172; 175 n.68; 258; 310; 372.

circo 35 n.24; 113; 130; 159; 160 e n.5; 163; 165; 185 n.122; 256; 290; 303 e n.138; 337.

circenses 35; 173; 225.

ciuilitas 43; 82; 118; 120 e n.119; 121; 173; 174; 175; 178 e n.84; 190; 241; 244; 245; 249; 250; 338; 355; 358; 361 e n.25,32; 363; 364; 372; 383 n.2; 389; 390.

ciuulis 175; 212 n.62; 233; 235 n.179; 244 n.220; 339 n.39; 355; 361 e n.29; 363 e n.43, 49; 364 n.52; 377; 384 n.6.

clementia 26; 43; 58; 82; 88; 100; 114 n.89; 173; 174; 177 e n.78; 178; 179; 190; 212 n.62; 213; 226; 231; 233; 241; 244 e n.220; 247; 275; 330 n.8; 355 n.84; 358; 361 e n.25; 363; 364 e n.52; 365; 367; 372; 379; 384; 389; 390.

clemens 43 n.73; 244 n.220; 363 e n.49.

comédia 16 n.4; 62; 95; 101; 130; 152; 199; 251; 252; 253; 258; 260; 261; 262; 263; 264; 265; 267; 272; 299; 323 n.41; 325.

comitas 177 e n.78; 179; 226; 233; 245; 343; 361; 374 e n.135; 377; 384; vide também 'afabilidade'.

comis 313 n.16; 361 n.31; 374 n.137.

commentarius 18; 21; 46; 47 e n.94; 56 n.122; 175; 235; 363 n.50; 384 n.6.

apomnemoneumata 18.

Memórias 44 n.74; 47 n.97; 50; 216 n.83.

consensus ordinum 373.

consilium principis 27.

constantia 370.

constans 336.

consulado 36; 39; 79 n.31; 100; 102; 108; 111; 113 n.87; 129; 130; 132; 135; 181; 207; 220; 226; 232 n.163; 292; 298; 320 n.29; 321; 359 e n.9; 360 n.23; 383.

consules 106; 151; 309 n.163.

continentia 371.

coorte – vide 'exército'.

costumes 16; 22; 23 n.42; 33; 34; 45; 55; 83; 102; 107; 119; 125; 132 n.169; 156; 162; 171; 172; 237; 240; 308 e n.161; 347; 353; 354; 359; 367; 372; vide também 'mos' e 'mos maiorum'.

crudelitas 82; 86 n.61; 90; 188; 191; 218; 226; 229; 239; 313; 363; 364 n.60.

crueldade 42; 56; 57; 59; 74; 75; 76; 81; 82; 83; 84; 86; 87; 88; 90; 105; 106; 108; 109; 117 n.108; 139; 148 n.63; 177; 182; 183; 185; 186; 188; 189; 190; 195; 215; 217; 219; 222; 223; 224; 229 n.141; 230; 231; 233; 234; 236; 237; 240 e n.205; 241; 243; 244 n.223; 254; 282; 309; 313; 317; 318 n.15; 322; 324 n.49; 337; 339; 345 e n.27; 346; 347; 348; 351; 357; 363; 364; 365; 367 n.79; 384; 385; vide também 'saeuitia' e 'crudelitas'.

constantia 370.

cultura 21 n.27; 22; 33; 48; 62; 72; 73; 95; 99; 115; 117 n.110; 192; 251; 267; 323; 375 n.140; 383; 389.

cultura literária 48; 99.

cupiditas 58; 75; 88; 91; 178; 211 n.57; 231; 244; 245; 315 e n.184; 340; 349; 368 e n.85,87,88,89; 369; 377; 379.

delatores 168; 176; 178; 196; 223; 234 e n.176; 247; 298; 364.

De uita sua 21 e n.30,31; 22 n.37; 42; 45 n.84; 46 e n.89; 56 n.122; 251.

- deus 79; 103; 106; 113 e n.86; 116 n.101; 137; 143; 144 n.41; 181 e n.105; 207; 242; 243; 252; 270; 275 n.22; 279; 282; 285; 298; 331; 338; 343; 355; 363; vide também 'divindade'.
- deus ex machina* 116 n.101; 137.
- devoção 107 n.50; 175; 185; 148; 386; vide também '*pietas*'.
- dicta* 335 n.27; 354; 359 e n.12.
- dignitas* 67; 82; 99; 100; 128; 129; 138; 150; 172 e n.54; 266; 317; 344; 372; 373; 374; 389.
- dinastia 50; 90; 91; 96; 106; 107; 109; 113 n.82,87; 180 n.94; 208; 209; 210; 214 n.74; 293; 294; 332; 337; 342.
- dissimulatio* 59 n.135; 88; 123; 136; 176 3 n.73; 221; 223; 227; 297; 384.
- ditadura 40; 174; 359; 360; 383.
- divindade 103; 113 n.82; 143; 205 n.24; 290; 292 n.98; 293 e n.103; 298 n.120; 303; 337; 355; vide também 'deus'.
- divinização: 161; 205; 270; 362; 367.
- dolor* 145; 188; 243.
- dominatio* 64; 132 n.168; 145; 157 n.95; 174; 276; 306; 309 e n.162; 359 e n.10,12; 360 e n.17; 361; 362 e n.39,42; vide também 'tirania'.
- dominus / domina* 41; 174; 181 e n.104; 123; 174; 172; 193; 208; 250; 265; 360 e n.17; 361 e n.24; 363; 369; 374 e n.136; 383.
- edicto 46; 78; 166; 169; 174; 177; 214; 224; 237; 263; 292; 309; 339.
- edictum / edicta* 40; 77; 169; 263; 301; 315 n.182; 369 n.95.
- eidōs* 384.
- Éleos* 322 n.39.
- encomiasta 19.
- encomium / encomion / encomiástico* 17 e n.8,9; 18; 19; 21; 23 e n.43; 24 n.47; 25 e n.54,58; 26 e n.60; 115; 378; 379 n.71.
- erudição 22; 23; 31; 33; 35; 37; 38; 44; 52; 56 n.123; 59; 62 n.157; 71; 128 n.151; 225 n.122; 323; 329 e n.5; 340; 383; 390.
- espectáculos 35 e n.22,24; 46; 95; 111; 138; 159; 160; 161 e n.11; 162; 164; 167; 168; 169; 171; 173; 179; 180; 182; 183; 195; 221; 226; 234; 246; 281; 302; 317; 369; 371; 373; 383; 385.
- espelhos de príncipes 325.
- estoicismo 171 n.90; 304 n.142.
- estóicos 57 n.124; 229; 244; 308.
- ethos* 65; 87; 89; 199; 220; 272; 299; 308; 329; 378; 383; 384; 388.
- evergetismo 213; 230; 234; 370; 371.
- exército 41; 79; 102; 108 e n.54,56; 112; 131; 142; 143 n.36; 153 n.78; 200 n.5; 274; 283; 286; 302; 303; 332; 346; 347; 351; 386 n.17.
- centurião 68; 234; 304; 332.
- coorte 127; 136; 137; 151; 155; 168; 169; 213; 236; 238; 280; 285 n.67.
- destacamento 268 n.314; 283 n.59; 284; 286 e n.72.
- legião 48; 62 n.156; 110; 116; 130; 142; 143 n.36; 147; 153 n.78,79; 167; 201 e n.11; 224; 235; 283 n.61; 301 n.131.
- manípulo 112 n.80.
- tribuno 39; 78; 98; 110; 115 n.99; 145; 162; 176; 234 e n.172; 276; 280; 282; 289 n.83; 306; 333.
- exodium* 233.
- fabula* 124; 125; 271; 387 n.20.
- palliata* 262; 264; 272; 323; vide também 'comédia'.
- praetexta* 95 n.3.
- togata* 161; 385 n.14.
- facilitas* 45 n.82; 212; vide também 'bondade', 'afabilidade'.
- factum / facta* 21; 56; 85 e n.59; 87; 120; 181 n.105; 218; 222 n.112; 230 n.145; 234 n.173; 235; 274; 276; 335 n.27; 354; 359 e n.12; 364 n.55, 60, 61.

fatum 112; 205; 210; 220; 247; 277; 294; 319; 320.

feritas 222; 282.

ficção 18; 68; 161; 199; 385; 387 n.21.

filelenismo 164 e n.25; 355.

fisiognomonía 36; 351 n.60.

fisiognomonista 36; 114; 349 n.53; 350 n.59.

Fortuna de Âncio 320 n.31.

Fortuna de Preneste 293; 320.

furor 243; 372.

gens / gentes 170; 172; 177 n.80; 193; 293; 331; 335; 360 n.20; 389.

gladiadores 35 n.24; 79; 105; 136; 159; 160; 173; 193; 179; 223; 225; 227; 231; 232 n.158; 239 n.199; 254; 296; 337; 384.

gradação 83; 85; 86 e n.60; 87; 90; 103; 105; 122; 149; 155; 160 e n.6; 161; 180; 199; 212; 215; 216; 217; 219; 221; 223; 227; 228; 229; 233; 235; 236; 237; 238; 239; 240; 241 n.208; 242; 249; 251; 262; 276; 277; 282; 308 n.61; 310; 334; 335; 338; 354; 368 n.90; 388.

gradatio 57; 89; 222; 225; 227; 388.

grauitas 23 n.42; 370; 385.

historiografia 11; 18; 23; 24; 27; 91 n.82; 95; 139; 246; 252.

immanitas 125; 364 e n.61; 367; vide também 'crueldade'.

Imperador *passim*.

imperator 105; 112 n.76; 116; 140; 151; 152; 156; 169; 174; 232; 241; 273; 286; 289 n.83; 314; 347 n.40; 354 e n.72; 359; 360; 361 e n.29.

imperium 38; 58; 62 n.56; 64; 65; 97; 102; 112; 114 n.90; 116; 124 n.133; 127; 143; 146; 148; 149; 154; 157; 191; 212; 230; 236; 237 n.187; 238; 243 n.217; 254; 287; 302; 347 n.41; 349 n.56; 359 n.10; 362 e n.36; 364 n.51; 365 n.65; 368 e n.86.

impietas 150 n.70; 185; 187; 191; 193 e n.156; 196 n.167; 221; 239; 318; 319.

impudicitia 45 e n.83; 74; 78; 81; 194; 211; 212; 223; 239; 247 n.237; 354 n.71; 375 e n.143; 377; 389.

incesto 51; 83; 87; 99; 127 n.146; 149; 177; 186 e n.127; 187; 188 n.136; 196; 198; 199; 221; 223; 224 n.116; 227; 239; 319 e n.16; 337; 366; 376; 384 n.5.

inciuitas 181; 213; 235; 239; 247; 355; 363; vide também 'tirania'.

inconstantia 206 n.30.

ingenium 25 n.56; 57 n.129; 58; 86; 90 e n.78; 114; 123; 222 e n.109; 230; 251 n.58; 319; 336; 342 n.11; 351; 362 n.36; 364 n.51; 371 n.113.

inginitas 287.

inpotentia 41; 260 e n.285; 359 e n.14; 360; 361; 362; vide também 'tirania', 'arrogância'.

inuidia 122; 145; 240; 246; 279; 282; 311; 313; 364 n.60; 370.

jogos 25; 34; 35 e n.22, 24; 43 n.71; 46; 79; 80; 84; 85; 106; 118; 125; 128; 129; 131; 159 e n.2; 160; 161 n.11; 165; 167; 172; 173; 176; 179; 193; 196; 197; 223; 226; 230; 239; 250; 251; 254; 259; 270; 280; 281 n.51; 297; 299; 309 n.164; 337; 340; 348 n.51; 369; 370 n.102; 374; 385.

ludi 161; 195.

laudatio 21 e n.31; 22; 23 n.43; 24 n.48; 25 e n.51, 54, 58; 26 n.60; 311; vide também 'encomium'.

lex / leges 41 n.60; 100; 108 n.51; 172 n.56; 217 e n.87; 230 n.145; 234 n.177; 373.

leis 33; 100; 101; 135; 155; 172 n.55; 200 213; 219; 220 n.102; 228; 241; 249; 252; 260 n.284; 265; 318; 337; 359; 362; 372; 373 n.126; 374; 375 e n.138.

liberalidade 46; 82; 102; 135; 159; 176; 242; 287; 349; 370; 371; vide também 'liberalitas', 'munificência'.

liberalitas 138; 173; 174 e n.62; 177 e

- n.78; 178; 216 n.79; 226; 257; 368 e n.85; 369 e n.97; 370; 372; 384; 389; 390; vide também 'liberalidade'.
- libertas* 25; 107 n.47; 141 n.27; 151; 172 n.54; 175; 178; 216 n.83; 217; 218 n.94; 288 n.81; 310; 315; 352; 361 e n.27; 362 e n.34; 373.
- libido* 48; 74; 75; 77; 82; 83; 90; 117; 172; 194; 195 n.162; 212 n.63; 226; 227; 235; 239; 246; 251; 254; 275; 372 n.120; 365 n.73; 373 n.126; 376 e n.147,154; 377 e n.157.
- licentia* 56; 132; 171; 173; 214; 243; 355; 359 e n.13; 372 n.120; 373; 375.
- luxuria* 82; 90; 117; 171 n.90; 172; 191; 219; 226; 227; 228; 238; 239; 246; 363 n.48; 371; 371 e n.120; 373 n.126.
- machina* 186; 187 n.131; 386 n.18.
- maiestas* 143 e n.40; 179; 217 e n.87; 218 n.93; 230 n.145; 234 e n.177; 238; 243 n.17; 256 n.272; 280; 293 n.102; 335; 362 e n.34, 41; 364; 374 n.135.
- metus* 58 e n.133; 146; 151; 164 n.26; 174 n.63; 176; 230; 269; 294; 351 n.63; 355 n.84; 361 n.32; 362 n.35; 373 n.50; 364 n.54.
- mimese 19; 20 n.21; 65; 95; 167; 192; 305; 318; 324; 388.
- mimo 20 n.21; 64 e n.163; 78; 95; 126; 127; 138; 145; 146; 160; 174; 180; 195; 198; 252; 253; 255; 257; 258; 262 e n.294; 267; 272 e n.5,7; 280; 282; 293; 294; 323 e n.45; 324 e n.47,49,51,; 325 e n.53; 336; 389.
- mimus* 95 e n.2; 126; 127; 146 e n.52,56; 255; 256; 271; 323 n.46; 324; 384; 386 n.16.
- moderatio* 24 n.50; 43; 82; 87; 127; 212 n.62; 217; 240; 246 n.236; 315; 346; 358 e n.6; 360; 361 e n.32; 363; 364 e n.52; 367; 368; 372; 389; 390.
- modestia* 115 n.99; 123 n.127; 369.
- monarquia 40 n.51; 180 e n.97; 184 n.116, 117; 361; 362.
- monstrum* 50; 58; 74 n.12; 86; 88 e n.72; 114; 182; 185; 221 e n.105,106; 221; 222; 225; 242; 255; 284; 309; 321; 329; 350; 351; 362; 365; 376; 387.
- moralidade 37; 45; 80; 81; 161; 171ss; 200; 252; 270; 315; 316; 318; 325; 330; 340; 357.
- mos* 21; 34; 46; 55; 67 n. 173; 81; 85; 105; 118; 145 n.46; 164; 173 n.57; 189 n.140; 197; 206; 209 n.51; 211 n.61; 305; 318; 322 n.36; 347 n.40; 359 e n.13; 362; 363 n.50; 366 e n.74; 372 e n.120; 373 n.124; 374; 376; 377 n.155; 389; vide também, 'costumes'.
- mos maiorum* 34; 46; 67 n. 173; 189 n.140; 305; 318; 362; 366; 372; 374; 389; vide também, 'costumes'.
- munificentia* 179; 246; 369; vide também 'evergetismo', 'liberalidade'.
- natura* 43 n.73; 46; 50; 58; 75; 87; 88; 90 e n.79; 91; 123; 125; 128; 148 n.64; 160; 182 e n.107,108; 195; 211; 215; 217; 220 e n.101; 222 e n.109,110; 226; 230; 238; 245 e n.227,228; 247; 251 e n.258; 302 e n.135; 345; 346 e n.35; 350; 351; 355 n.81; 360 n.17; 364 e n.51, 61; 365 n.62; 368 n.87.
- optimates 97; 99; 100 n.16; 104; 138; 353 n.69.
- Pai da Pátria 44; 167; 178; 206; 241 e n.208; 312; 383; 384.
- Pater Patriae* 148; 167; 174; 241 n.208; 310; 359; 361.
- panegírico 19; 25 n.53; 52; 378; e n.166, 167; 379 n.173.
- pantomima 258; 375; 386.
- pantomimo 74; 160; 173; 181; 183 e n.111; 223; 225; 231; 280; 375 e n.139.
- parricidia* 75; 191; 219; 228; 247 n.240; 366; 387 n.20.
- parsimonia* 353; 371.
- pathos* 85; 89; 201.
- patria* 206 n.30; 217; 228; 229 e n.143; 338.
- patronus* 266; 360; 347 n.45; 369.

- petulantia* 82; 90; 191; 226; 287 n.74; 369 n.92.
- phobos* 322 e n.39.
- pietas* 20; 41 n.58; 88; 109; 115; 116; 118; 135 n.5; 141; 148; 150; 154; 173; 175; 176; 177; 185; 189; 216; 221; 226; 249; 307; 338; 358; 365; 366; 367 n.83; 368; 372; 379; 384 e n.4,5; 389; 390.
- pileus* 141 n.27; 182 e n.109.
- plebe 100; 101; 143; 159; 167; 177; 192; 213; 239 e n.199; 259; 312; 313; 314; 335; 336; 354; 359; 361; 389.
- plebs* 167; 179 n.90; 247; 312; 370.
- poder tribunicio 98; 145.
- tribunicia potestas* 116; 120; 121; 122; 178; 361; 384.
- poesia* 19; 73; 91; 132; 138 n.15; 162 e n.13; 182 n.106; 195; 253 n.262; 306; 317 n.2; 349; 384 n.6; 388.
- poiesis* 192; 305.
- populus* 15; 144; 193; 312; 313; 346 n.35; 370 n.104; 374 n.135.
- praetexta* vide '*fabula*', '*toga*'.
- pretorianos 67; 133; 142 n.28; 152 n.75; 155 e n.89; 168; 170; 248; 260; 263; 273; 283; 284; 304; 305; 354; 369.
- prefeito do pretório 27 n.65; 42; 116; 141; 147; 162; 218; 219; 222; 228; 279 e n.46; 357.
- presságios 21 n.32; 25; 39; 72; 90; 99; 106; 107 n.49; 109; 112; 116; 117; 121; 130; 141; 142; 150; 153; 163 n.19; 199; 205; 206; 207; 208; 209; 210; 212; 269; 277; 278; 284; 285; 290; 292; 303; 321; 359; 366; 388.
- princeps* 15; 37 n.35; 58; 82; 85 n.58; 86 n.61; 87 n.68; 88 n.72; 102; 122 n.124; 129 n.155; 143 n.40; 144; 148 n.67; 157; 173; 178; 179; 182; 191 n.149; 193; 208 n.43; 213; 217; 221 n.105; 224; 252; 236; 237; 238; 240; 241; 246 n.236; 247 n.239; 251; 267; 272; 281; 291 n.89; 300; 302; 306; 309 e n.163; 329; 344 e n.24; 347 n.41,43; 350; 356; 358; 360 e n.17,21; 362 n.38; 363; 364 n.51,60; 365 n.63,64,65,67; 368 n.85; 369 e n.95; 370 n.104; 373; 374 n.131; 387; 389.
- princeps ciuitatis* 102; 359 n.8.
- princeps senatus* 99 n.13; 360.
- principado 15; 21 n.27; 24 n.47,48; 25 n.51; 41 e n.61; 42 66; 47 n.96; 50; 51 e 107 n.50; 58; 59 n.136; 64; 78; 87; 88; 103; 106; 107; 109; 110; 113 n.87; 114 n.92; 118; 119 n.116; 140; 141 n.27; 145; 146 n.54; 147; 159; 161 n.11; 166; 174; 175; 176; 177; 178; 196; 201; 205; 207; 208; 213; 214 n.69; 215; 221; 223; 229 n.139; 230; 231 n.149; 232 n.161; 233; 240; 241 n.208; 244; 245; 247; 248 n.244; 250; 251; 254; 284; 293 n.103; 309; 312 n.174; 313 n.177; 315 n.185; 317; 320; 322; 329; 332 3 n.15; 333; 334; 339; 346; 349; 358; 360 e n.21; 361; 363; 365; 366; 367; 370; 373; 378; 383; 384 e n.6; 385.
- principatus* 84; 85 n.58; 117 n.109; 142; 145 e n.47; 244 n.220; 250; 333 n.16; 360 n.17,21; 362 e n.40; 363 n.49; 365 n.63; 369 n.93.
- proconsulado 42 n.66; 108 n.55; 111; 136; 231.
- proscrições 42; 240 e n.203,204.
- psogos* 26 n.60.
- pudicitia* 45 n.83; 74 n.10,11; 82; 86; 197; 227; 335; 372; 375 e n.143,144,145.
- pudor* 178; 200; 306; 369; vide também '*uerecundia*'.
- rapacitas* 91; 117; 239; 246; 349 n.53; 368; 389.
- rapina* 75; 82; 86 n.61; 88; 190; 212; 216; 224; 228; 234 e n.174; 245; 261; 345; 357; 368 e n.90,91; 369 e n.92,93; 372 e n.118; 373 n.127.
- realeza 98; 143; 180; 186 n.127; 276 e n.27.
- realismo 17 n.8; 36; 62; 64; 66; 66; 67; 69; 71; 198; 242; 296 n.111; 323; 324; 329; 341 e n.4; 343; 385; 387; 388.

- regnum* (41 n.58); 77 n.23; (101); 135 n.5; 310; 359; 362 e n.40; vide também 'tirania', 'dominatio', 'rex'.
- religião 35; 72; 73; 97; 103; 123 n.127; 137; 144 n.43; 154; 177 n.80; 184 n.117; 197 n.171; 203 n.16; 204; 205; 209 e n.50; 213; 220; 221; 235 n.178; 243; 248; 249 e n.250; 293 e n.103; 306; 310 e n.169; 319; 331; 335; 354 e n.75; 360 n.23; 366 e n.71; 367.
- religio* 156; 204; 205; 225; 243; 248; 277 e n.35; 320; 366 e n.71,75; 379.
- República 15; 21; 26; 38; 40 n.51; 41; 76; 80; 104; 107 n.47; 118 n.113; 135 n.5; 136; 140; 141 n.27; 151; 152; 156; 161; 166 n.32; 168; 175 n.68; 192; 205; 208 n.43; 240; 276; 288; 313; 314 n.180; 339; 360 e n.19, 21; 362; 366.
- res publica* 24 n.50; 41 n.59; 57 n.128; 142; 170 n.47; 211 n.58; 283 n.60; 315; 352; 359.
- retrato 17 n.10; 18; 19 e n.19; 22 n.36; 23 n.41; 25 n.51; 36 e n.29; 58; 60 n.145; 75; 78; 88; 112; 115; 121; 122; 128; 130; 140; 144; 165; 180; 192 e n.155; 217; 220; 224; 225; 235; 241; 242; 247; 260 n.285; 269 e n.316; 290; 306; 308; 313; 335; 339; 341-356; 383; 389.
- rex* 34 n.15; 74 n.10; 77 e n.23; 98; 184 n.117; 169; 192 n.152; 207; 265 n.302; 276; 277; 309 e n.163; 310; 354 e n.74; 359 e n.15; 362 n.41; 366 n.73; 375 n.143.
- saeuitia* 56; 58; 85 n.57,59; 86 e n.61; 88 n.71; 90 n.78; 91; 117; 144 n.44; 194; 211 n.57; 218; 219; 222 e n.109; 223; 228 n.138; 231; 233; 234; 236; 238; 239; 251 n.258; 308 n.161; 313; 315 e n.184; 347 n.42; 349; 351; 363 e n.48; 364 e n.55; 365 e n.62; 368 e n.89; 389; vide também 'crueldade'.
- saeuus* 58; 230; 251; 365 n.62.
- salubritas* 370.
- scaena* 175; 187 n.131; 256; 280; 281.
- scaenicus* 162; 182 n.107; 192; 233; 303.
- senado 34 n.17; 39; 40; 42; 44; 46; 47; 52; 65; 68; 77; 99 n.14; 100; 102; 104; 110 n.62; 112 n.79; 120; 128 n.154; 130; 135; 140; 141 n.25; 145; 146 n.54; 151; 152; 157 e n.96; 161; 162 e n.13; 167; 173; 174 n.65; 175; 177; 189; 190; 200; 201 n.10; 203; 204; 207; 210; 218; 219 e n.95; 220; 224; 246 n.235; 248; 256 n.272; 257; 259; 263; 264; 265; 266 e n.307; 275 n.24; 276; 277; 283 n.61; 284; 292; 297; 301; 302; 304; 312; 314; 315; 319; 323 n.44; 329; 334; 336; 349; 353; 354; 359; 361; 362; 369; 375; 376 n.150.
- senatus* 15; 48; 52; 64 e n.163; 65; 67 n.173; 99 n.13; 120; 135 n.1; 140; 145; 151; 167; 168 e n.35; 178 n.82; 189; 200; 203; 221 n.107; 224; 263; 264; 310; 311; 315 n.182; 346 n.35; 348; 353; 360 e n.19; 362 n.34,38.
- sobrenatural 103; 137; 173; 137; 143; 208; 339; vide também 'presságios', 'religião'.
- species* 41 n.60; 55; 56; 57; 59; 60; 67 n.71; 71; 88; 95; 104 e n.33; 112 n.79; 126; 145; 175; 201; 202; 203; 207; 215; 222; 246 n.232; 255; 264; 301 n.132; 339; 358; 360 n.21; 362e n.34,40; 388.
- status* 24; 41 n.59; 140; 166; 211 n.58; 241; 309 n.162; 315; 358; 360 e n.20,22; 372 n.120.
- studium* 27; 33; 55; 151; 163; 164; 211 n.61; 235; 251; 267; 342 n.11; 344 n.24; 365 n.63; 373; 377 n.155.
- sumptuosidade 19; 77; 83; 117 n.110; 159; 159 n.2; 171 n.50; 172; 179; 197; 212 e n.63; 213; 220 n.102; 226; 242; 246; 317; 338; 371; 372; 376 n.147; 383 n.3; 385.
- superbia* 39 n.45; 220; 222; 223; 244; 335; 362; vide também 'tirania'.

superstitio 293 n.103; 306; 366 n.71; 367.

teatro 35 n.24; 41; 95; 105; 123; 135; 145; 159; 160; 161; 163; 164; 165; 169; 179; 183; 187 n.131; 190; 195; 199; 227; 255; 256; 276; 280; 281 e n.51; 299; 301; 302; 305; 317ss; 325; 383; 386 e n.18.

tiranía 41; 48; 59; 81; 82; 115; 141; 144; 146 n.51,54; 164; 165; 180; 196; 213; 215; 224; 236; 237 n.191; 239; 276; 279; 315; 329; 358; 359; 361; 364; 376; 390; vide também '*dominatio*'.

tiranos 16; 17; 19 e n.17,18; 75; 87; 91; 113 n.81; 147; 148; 150; 163 n.21; 166; 178 n.81; 182; 183; 186; 188 n.136; 190; 194; 195 e n.162; 198; 202; 211; 212; 213; 214; 219; 220; 223; 224; 228; 230; 231; 234; 235; 236; 237; 238 n.195; 239; 241; 245; 246; 248; 250; 251; 276; 277; 281; 282; 291 e n.93; 296; 300; 306; 307; 309; 313; 315; 319; 321; 325; 345; 348; 364; 365; 366; 367; 370; 371; 372; 375; 376; 384.

tyrannus 313; 360.

toga 34 n.17; 40; 41; 99; 103; 107; 110; 118; 128; 141; 148; 155 n.87; 172; 193; 205; 207; 208; 258; 267 n.309; 278 e n.38; 292; 310; 312; 353; 355; 373; 385 n.14.

togata – vide '*fabula*'.

tragédia 16 e n.4; 19. n.20; 20 n.23; 42; 62; 91; 95; 99; 115; 138; 144; 162; 185; 188 n.135; 199; 200; 201; 230; 241; 243; 252; 258; 274; 280; 286; 291; 294; 296; 298; 300; 303; 304; 305; 317 e n.2; 318 n.13; 320; 322 e n.38,39; 325; 330; 386; 388.

tribunicia potestas 116; 120; 121; 122; 145; 178; 361; 384.

poder tribunício 98; 145.

tribunos da plebe 40; 102; 135; 136; 138; 151; 335; 359 e n.8; 361.

uerecundia 223 n.113; 236; 310; 348; 384; vide também '*pudor*'.

uiolentia 222; 247; 362; 363.

uituperatio 25 e n.58; 38 n.42; 114.

vestuário 19; 55; 67; 68; 71; 74; 75; 80; 85; 88; 117; 153; 155; 160 n.4; 161; 165; 173; 180; 181 n.101; 192; 194; 200; 211; 212; 225; 289; 306; 310; 311; 312; 330; 352; 353; 355; 371; 387; vide também '*toga*'.

vícios 15; 18; 24; 26; 44; 46; 49; 56; 57 e 131; 58; 59; 60 e n.142; 63 n.160; 66; 75; 76; 81; 82; 83; 86 e n.60; 87; 88; 90; 117; 118; 130; 157; 173; 179; 180; 182; 188; 191; 195 n.162; 211; 215; 217; 218 e n.90; 219; 220; 226; 227; 230; 236; 237; 238; 239; 242; 244; 246 e n.232; 247; 248; 270; 315; 317; 318; 324; 325; 330; 331; 334; 336; 338; 340; 343; 345; 347; 348; 357; 358; 364 n.51; 377; 378 e n.166; 379; 380; 383; 384; 387; 388; 390.

uitia 36; 46; 50; 56; 57; 58 e n.133; 59 e n.135; 61 n.149; 81; 82; 86; 90 e n.79; 157; 159 n.2,3; 182 e n.108; 214; 215; 220 n.101; 222 n.110; 226; 227; 230; 242; 289; 324; 329; 336; 340 n.40; 346 n.35; 349 e n.56; 350 e n.57; 351 n.63; 358; 364 n.51; 365 n.64; 371 n.106; 376.

virtudes 15; 17; 18; 20; 24; 26; 36; 43; 44; 49; 56; 57 e n.131; 58; 59; 60; 61; 81; 83; 88; 91; 116; 118; 157; 173; 176; 177; 178; 179 e n.91; 211; 212; 226; 230; 239; 241; 244; 248; 315; 318; 324; 325; 330; 331; 332; 336; 338; 339; 340; 343; 350; 352; 357; 358; 363; 370; 372; 378 e n.163,166; 379; 380; 383; 384; 385; 387; 388; 389.

uirutes 23 n.42; 57 n.129; 58; 59; 157; 159 n.2; 176 n.73; 230; 240; 329; 336; 338; 340 n.40; 342 n.11; 349 e n.56; 350 n.57; 351 n.61; 358; 386.

